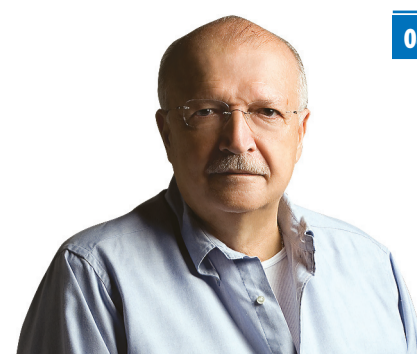


NOVO JORNAL



04 **RODA VIVA**

UFRN EMCAMPA PROJETO DA METRÓPOLE DIGITAL QUE GOVERNO DO ESTADO DESPREZOU POR SER DE ROGÉRIO

ARGEMIRO LIMA/NJ



14 **CIDADES**

O estudante Matheus Andrade Cabral, 19 anos, conta como é viver com leucemia. Após duas reincidências, ele precisa de um transplante de medula.



MAGNUS NASCIMENTO/NJ

17 **CULTURA**

Estátuas, efígies, bustos e esculturas até que há. Mas são muitas as obras de gosto duvidoso em Natal, além daquelas que refletem o abandono e o descaso.



D'LUCA/NJ

07 **SOCIAL**

A festa de aniversário de Priscila Gimenez Alves, mulher do deputado Henrique Alves, e de Mário Barreto agitou o jet de Natal na noite de sexta-feira.

03 **POLÍTICA**

Cidadão sem cesta

Programa implantado em agosto pelo governo, para atender projeto de Robinson Faria, funciona com menos de 50% da meta. Beneficiados reclamam e deputado estranha "não continuidade".



Nailda Cerqueira chegou às 5h e só conseguiu ficha à tarde na Central do Cidadão da Zona Norte

ARGEMIRO LIMA/NJ



02 **ÚLTIMAS**

Delegacias rejeitam preso

Francisco de Assis da Silva, preso em flagrante acusado de furtar um carro, foi rejeitado por duas delegacias até ser transferido para presídio provisório da Zona Norte.

09 **CIDADES**

Hospitais não tratam a água

Pesquisa aponta que 95% dos hospitais públicos e privados de Natal e Parnamirim não têm tratamento de água. Autor de estudo alerta para risco de infecção.

11 **CIDADES**

Mistérios do caso Maisla

Seis meses depois da morte da menina Maisla, violentada e esquartejada, caso é cercado de silêncios.

06 **OPINIÃO**



O jornalista Franklin Jorge dá sugestões para um cãnone potiguar e François Silvestre fala das serras e das promessas políticas.

TÚLIO RATTO



12 **MIDWAY MALL**



Mesmo depois que o shopping fecha, muito gente ainda trabalha. É no silêncio que os últimos funcionários arrumam tudo.

Rejeitado

Rafael Duarte, do Novo Jornal
Fotos – Argenmiro Lima

Surreal ainda é pouco para definir o que ocorreu ontem pela manhã com o preso Francisco de Assis da Silva, 27 anos, autuado em flagrante por uma equipe da Polícia Militar após furtar um carro na madrugada de sexta-feira para sábado no bairro Bom Pastor. Rejeitado por duas delegacias em menos de uma hora, Francisco foi obrigado a ficar quase toda a manhã do sábado sentado no chão algemado a uma cadeira do Centro de Detenção Provisória de Candelária (CDP) aguardando que as duas secretarias de segurança do Estado – de Justiça e Cidadania (Sejuc) e de Segurança Pública e da Defesa Social (Sesed) definissem para onde o preso seria encaminhado. A polêmica só terminou próximo ao meio-dia quando o coordenador do sistema penitenciário do RN, capitão José Deques, disponibilizou uma vaga para Francisco no presídio

provisório Raimundo Nonato, na Zona Norte.

A chegada de Francisco ao CDP foi cinematográfica. Levado por dois delegados e um agente, o preso foi literalmente jogado no canto da sala de entrada da delegacia. O delegado Carlos Queiroz, que acabara de assumir o plantão, informou a um agente que estava entregando o preso. Após ouvir como resposta do funcionário que não poderia recebê-lo, simplesmente atirou sobre a bancada da recepção o boletim de ocorrência, virou as costas, entrou na viatura e foi embora deixando os agentes constringidos na frente da equipe do NOVO JORNAL e com um preso, agora sem algemas, reclamando de febre e dor de cabeça.

Durante a espera, o preso tomou um copo d'água e um comprimido dipirona para amenizar as dores que sentia. Se quisesse, segundo o agente que não quis se identificar, Francisco poderia ir embora. “Se for embora o problema é do delegado que jogou ele aqui”, disse. Sobre o que faria

a partir dali, fez suspense. “O diretor (do CDP, Jorge Lima) pediu para eu ficar olhando, mas não sei se é só para olhar”, contou.

O acusado, já escorado na parede, chegou a dormir no local. Ao acordar, indagado sobre a sensação de ser rejeitado, disse que queria ir logo para a cela. “(Eu) não já estou preso? Só quero meu canto ficar quieto”, afirmou.

Vai e vem começou cedo

O vai e vem de Francisco de Assis começou por volta das 7h quando uma equipe de agentes da Plantão Zona Sul, que está funcionando provisoriamente no prédio da 8ª DP da Cidade da Esperança, recebeu o preso da PM e não aceitou manter Francisco no local alegando que estaria descumprindo uma determinação judicial que proíbe a permanência de presos sob custódia da polícia civil. Por orientação do delegado Aldo Lopes de Araújo, que assinou o flagrante, os agentes encaminharam o acusado para o CDP de Candelária. Lá, o agente de plantão também



não aceitou receber Francisco argumentando que só o faria com o consentimento do capitão José Deques, que negou o pedido. A reportagem do NOVO JORNAL chegou a Plantão Zona Sul no momento em que o dele-

gado Carlos Queiroz, que acabara de assumir o turno novo, decidiu entregar pessoalmente o preso à mesma delegacia que o havia rejeitado. “Não vamos ficar com ele aqui”, disse antes de entrar na viatura.

“NINGUÉM QUERTU”

Pivô de um desentendimento entre Sejuc e Sesed, Francisco de Assis da Silva mora em Felipe Camarão e trabalha como pedreiro. O furto ao carro (um gol quadrado, na visão dele) no bairro do Bom Pastor não foi o primeiro. “Já paguei por porte ilegal de arma, furto de um carro e de um toca CD”, disse. Sobre o furto, contou que pegou o carro para dar uma volta em Felipe Camarão, “mas não ia devolver”, disse. Algemado e no chão da CDP, ouviu calado a sentença dada por um soldado da PM que faz a segurança externa da delegacia. “Ninguém quer tu”.

“COM INTRANSIGÊNCIA NINGUÉM RESOLVE NADA”

O secretário de Estado de Justiça e Cidadania do RN (Sejuc/RN), Leonardo Arruda, se disse surpreso com a atitude do delegado Carlos Queiroz. Ele acredita que faltou comunicação na transferência do preso. Segundo o secretário, a diretora geral da Diretoria de Policiamento da Grande Natal da Polícia Civil (Dpgran), Margareth Gondim já havia comunicado a todas as delegacias para ser informada assim que um preso chegasse. “Ela ficou com a responsabilidade de procurar as vagas para os presos, faltou comunicação por parte do delegado. Com intransigência não se resolve nada”, afirmou.

| CASO BATISTTI |

Presidente do STF diz que livrou Tarso Genro de “labirinto”

SÃO PAULO/SP (Folhapress) - O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Gilmar Mendes, disse ontem que a Corte deu uma “grande contribuição” para a biografia do ministro Tarso Genro (Justiça) ao tirá-lo do “labirinto” que ele havia se metido ao conceder o refúgio político ao terrorista italiano Cesare Battisti.

“Ele [Tarso] acabou por usurpar a competência de outros órgãos da Justiça italiana, da Justiça brasileira e certamente ele foi retirado desse embróglio que ele se meteu graças à decisão do STF”, afirmou Mendes, em São Paulo, onde participou de um seminário de execução penal, na

Defensoria Pública da União.

Na semana passada, o STF autorizou a extradição de Battisti para a Itália por entender que ele cometeu crimes hediondos, e não político. Porém, decidiram que a palavra final sobre o retorno do terrorista será do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao julgar o pedido de extradição, os ministros consideraram ilegal o status de refúgio político concedido por Tarso em janeiro deste ano.

Questionado se recomendaria a Lula não entrar nesse “labirinto” de Tarso, Mendes admitiu que a questão é delicada e que as condições para o presidente se decidir estão estabelecidas em leis e em tratados. “Acho extremamente difi-

cil que o presidente possa, sem controle judicial e sem censura judicial vir a conceder um refúgio ou um asilo que já foi negado. Portanto aqui também há uma ameaça de labirinto”, afirmou.

Pouso forçado na Suíça

Um avião da Swiss com o ministro da Justiça, Tarso Genro, e o secretário de Justiça Romeu Tuma Júnior fez um pouso de emergência no aeroporto de Zurique (Suíça) na madrugada de ontem. O voo, que trazia as autoridades de volta para São Paulo, decolou da cidade europeia na noite de ontem, mas teve de voltar ao aeroporto. Ninguém ficou ferido.

| SÃO PAULO |

Deputados fazem “vaquinha” para ajudar Erundina

SÃO PAULO/SP (Folhapress) - Os 94 deputados estaduais da Assembleia Legislativa de São Paulo estão organizando para o dia 8 de dezembro um jantar para ajudar a deputada federal Luiza Erundina (PSB-SP) a arrecadar dinheiro para pagar uma dívida de R\$ 350 mil com a Prefeitura de São Paulo - contraída em 1989, quando comandou o município.

A assessoria da parlamentar informou que a campanha pró-Erundina já arrecadou cerca de R\$ 120 mil.

Segundo o deputado estadual Milton Flávio (PSDB-SP), a ideia é arrecadar cerca de R\$ 100 mil

neste próximo evento, que vai ocorrer na pizzaria Speranza, a partir das 20h30, em São Paulo.

Flávio afirmou que cada deputado está encarregado de vender cinco convites, a R\$ 250 cada. “Esse é o nosso sonho [arrecadar R\$ 100 mil]. Não é pelo valor, mas por demonstração de respeito a Erundina, que merece a consideração de todos.” Para o jantar do dia 8, os deputados criaram o tema “Movimento pela Dignidade e Ética na Política”.

Vários eventos foram e estão sendo organizados para ajudar Erundina. Além disso, a CUT

(Central Única dos Trabalhadores) abriu uma conta bancária e o ex-ministro José Dirceu (Casa Civil) disponibilizou em seu blog o número de uma conta bancária para ajudar a deputada.

Segundo assessores, Erundina já penhorou um apartamento e dois carros, mas ainda não conseguiu chegar ao valor total da multa.

A deputada foi condenada por ferir a Constituição, ao usar recursos públicos para a divulgação de um comunicado que tratava da paralisação de ônibus entre os dias 14 e 15 de março de 1989.

| FUTSAL |

ABC/UnP/Art&C perde para o Tigre/Natto e fica fora da final



Rodriguinho entrou durante o jogo, mas não conseguiu evitar a derrota do alvinegro

O ABC/UnP/Art&C perdeu por 3 a 1 para o Tigre/Natto (PE) na manhã de ontem e não conseguiu a classificação para a final da Taça Brasil de Futsal. O clássico nordestino foi realizado no ginásio Sérgio Mauro Festuggatto, em Cascavel (PR). O time de Garanhuns (PE) enfrentará o vencedor de Carlos Barbosa (RS) x Diplomata/Muffatão/Cvel (PR) (até o fechamento desta edição a partida não havia acabado), neste domingo, às 14h (de Brasília).

O jogo

Logo nos primeiros minutos o Tigre abriu o placar com gol de Carlos, depois de boa tabela ofensiva. No lance seguinte o ABC por pouco não empatou. Depois da defesa parcial de Laga, no rebote, Betinho bateu colocado, para mais uma defe-

sa do goleiro. A bola ainda bateu no travessão da meta pernambucana.

A partida se manteve muito movimentada na sequência da primeira etapa, com as duas equipes buscando incessantemente o ataque. Por pouco o placar não foi modificado nas mais diversas chances que ocorreram tanto para ABC quanto para o Tigre, que levou a vitória parcial para o intervalo.

Na segunda etapa, logo no primeiro minuto, a equipe do ABC chegou ao empate. Depois de jogada de ataque a bola chegou aos pés de Walber que bateu forte para igualar o placar. O Tigre, então, voltou a jogar no ataque e chegou ao segundo gol em mais uma finalização de Carlos.

O ABC foi para a pressão, mas deixou espaços na defesa.

O Tigre se aproveitou e passou a explorar os contra-ataques. Em um deles, Komati recebeu no meio, avançou e driblou um marcador, batendo forte para o gol. O goleiro Matheus tentou a defesa, mas a bola veio muito forte e acabou entrando, encerrando a contagem.

Carlos, autor de dois gols do Tigre no jogo, comemorou a classificação. “Encaramos uma excelente equipe que é o ABC, mas como falei com meus companheiros antes do jogo, que semifinal e final é coração e vontade. Hoje jogamos desta forma e estamos na decisão. É muito importante para a nossa cidade”, disse.

O ABC jogou com Matheus, Netinho, Walber, Dentinho e Betinho. Entraram Rodriguinho, Léo Rummenigge, Kilmer e Preto.

TRUCA DE NOTAS | Distanciamento entre governadora e presidente da Assembleia prejudica programa de distribuição de cestas básicas aos pobres

Cidadão com FOME

Luana Ferreira, do Novo Jornal

A SECRETARIA ESTADUAL de Trabalho e Assistência Social (Sethas) está investindo R\$ 324 mil mensais no programa Cidadão Sem Fome, lançado em agosto para entregar cestas básicas à população carente em troca de notas fiscais. O valor é menos da metade dos R\$ 684 mil (R\$ 8,2 milhões por ano) previstos na lei que criou o programa, ou seja, 47,3%. A população reclama das dificuldades de garantir o benefício.

O orçamento anual da Sethas é cerca de R\$ 166 milhões. Só o Programa do Leite custa R\$ 72 milhões. O Restaurante Popular, também pago pela pasta, abocanha mais R\$ 14 milhões. Por enquanto, não há planos de ampliar o projeto inicial do Cidadão Sem Fome: oferecer 30 mil cestas por mês, um sétimo do número de beneficiados do Bolsa Família. "A ideia não é beneficiar a todos do Bolsa Família. Não é possível ser universal", argumenta o secretário da Sethas, Gercino Saraiva. "Eu próprio tenho uma ideia negativa do Bolsa Família".

A ideia é que os outros R\$ 360 mil previstos sejam usados somente em 2010, quando serão incorporadas as outras cidades do programa: Macaíba, São José de Mipibu, Nova Cruz, Currais Novos, Caicó, Assu, Mossoró e Pau dos Ferros. "Não podemos lavar 30 pratos de uma vez. Tem que ver a realidade econômica da secretaria", justifica Gercino Saraiva.

O presidente da Assembleia Legislativa, Robinson Faria (PMN), autor do projeto aprovado em dezembro de 2007, não acredita muito nessa história de pratos. "Acho estranho a não continuidade do programa. Fico triste com esse atraso". Robinson Faria é pré-candidato ao governo do estado e protagoniza uma disputa velada com a governadora Wilma de Faria desde que ela passou a demonstrar preferência pelo vice-governador Iberê Ferreira (PSB) para substituí-la.

O Executivo publicou a Lei dois meses depois de ela ter sido aprovada – com unanimidade – pela Assembleia, em fevereiro de 2008. Depois, houve um longo silêncio em torno do programa, que só voltou à mesa de despacho da governadora em maio de 2009 na forma de um decreto. Ainda houve problemas com o selo do Inmetro (até hoje apenas o Sacolão e Cia conseguiu o cadastro de fornecedor), com a chegada do software, com a qualificação de pessoal e o Cidadão sem Fome só foi inaugurado, sem palanque e sem discurso, em agosto.

Robinson Faria não demorou para estampar o que chamou de "projeto mais importante" de sua vida pública em folders e outdoors. Ele também cobrou publicidade governamental em todas as entrevistas sobre o assunto que deu até agora. Apesar de negar objetivos eleitorais, o deputado não esconde que espera a recompensa em 2010. "Se o povo agradecer, não é pecado".

Paternidade

A imagem de Robinson Faria ainda não colou no Cidadão sem Fome. Ninguém dos entrevistados da fila reconheceu a figura de Robinson Faria no folder de divulgação do deputado, embora alguns tenham recebido o material em sua casa. A maioria soube do programa pelo boca a boca e o associo ao Bolsa Família e ao governo federal. Há quem acredite que a cesta virou condição para o recebimento da bolsa, como manter os filhos na escola, por exemplo.



Beneficiários aguardam horas na calçada à espera de conseguir uma cesta básica

Sethas limita número de fichas

Para o coordenador do Cidadão sem Fome, Antônio Sérgio Câmara, as filas existem por "uma questão cultural". "Enquanto as pessoas não se habituarem com o programa, acharão que no dia dois de cada mês as cestas vão acabar", disse. Para evitar que isso aconteça, a Sethas resolveu limitar o número de fichas: são 750 por dia.

O problema é que as cestas não só acabam no dia dois, mas continuam faltando no dia três, quatro, cinco... Quando atingir sua plenitude, em 2010, o Cidadão sem Fome oferecerá 30 mil cestas por mês, um sétimo do número de beneficiados do Bolsa Família.

O cadastro do programa do governo federal é usado como alicerce para o Cidadão sem Fome porque reúne pessoas comprovadamente pobres: quem recebe a bolsa, também tem direito à cesta. Em apenas três meses de funcionamento, 16 mil pessoas conseguiram vencer a burocracia e se cadastraram. Elas disputam os onze mil sacolões distribuídos mensalmente em Natal e Parnamirim. Na falta de cestas para todos, a seleção é feita diariamente nas calçadas das Centrais do Cidadão: quem se sacrifica mais, leva.



Robinson: "acho estranho a descontinuidade do programa"

CESTA BÁSICA	
Cesta	2 Kg de feijão
	2 Kg de arroz
	2 Kg de açúcar
	1 lata de óleo
	1 rapadura
	1 café
	1 pacote de flocos de milho
NÚMEROS:	
Orçamento da Sethas:	R\$ 166.458.000
Quanto deve gastar com o Cidadão sem Fome:	R\$ 658 mil/mês
Quanto gasta hoje:	R\$324 mil/mês
Quanto custa o Programa do Leite:	R\$ 72 milhões/ano
Cestas distribuídas em Natal e Parnamirim:	11 mil
Quantas serão distribuídas no RN a partir de 2010:	30 mil
Número de cidades que serão atendidas:	13
Número de beneficiados do Bolsa Família:	210 mil



Gercino Saraiva: "não é possível ser universal"

Via crúcis por comida

O autônomo Paulo César chegou ao prédio da Central do Cidadão da Zona Norte às 19h da segunda-feira e assistiu, entre um cochilo e outro, a dezenas de pessoas se acomodando atrás dele madrugada adentro. Quando amanheceu a terça-feira, a calçada do prédio estava lotada.

Paulo César encabeçava a fila de pessoas que levavam os documentos de identidade e CPF, o cartão do Bolsa Família e 25 cupons fiscais acima de R\$ 5. À direita dele, idosos e gestantes formavam uma fila menor. Pessoas que já haviam cadastrado os cupons na internet organizavam o terceiro grupo. Eles aguardavam a distribuição de fichas pelos funcionários do programa Cidadão sem Fome, marcada para as 8h. A maioria era de donas de casa.

Às 8h30, já não havia quase ninguém: cerca de metade conseguiu entrar no prédio; uma parte recebeu fichas para voltar à tarde e outra, de poucas pessoas que chegaram depois das 8h, ficou sem nada.

A rotina se repete desde 06 de agosto deste ano, quando o programa que troca notas fiscais por cestas básicas, do governo estadual, foi inaugurado.

De fila em fila, a peregrinação

Dentro do prédio, as pessoas entraram em outra fila para cadastrar na internet o número, o emissor, a data, o valor e a série de cada um dos 25 cupons fiscais. O processo demora cerca de dez minutos quando é rápido. Feito o cadastro, receberam o vale-cesta e se dirigiram aos postos de troca. Na Zona Norte, são distribuídas 220 sacolões por dia. Às 10h30, não tem mais nada.

As pessoas que já vêm de casa com o número do comprovante emitido pela internet vão direto para a fila do vale-cesta, bem mais rápida.

Enfrentar três filas por mês para conseguir o sacolão com 11 itens básicos não causa apenas perda de tempo e aborrecimento aos interessados. Alguns reclamam de perda de dinheiro e fome e desistem. A dona de casa Nailda Cerqueira pagou R\$ 2 para tomar o ônibus em Nova Natal, chegou às 5h e foi uma das últimas a conseguir uma ficha. Ficou para a tarde. "Vou fazer igual da outra vez, pedir almoço para aquela mulher", disse, apontando para uma casa de esquina. Ela deixou os filhos de dois e três anos com um garoto de 12 anos, filho da vizinha, que a acompanhava na fila. Os meninos seriam levados ao colégio por outra vizinha. Aparecida Elói da Silva pesou os R\$ 8 que gastaria para ir para casa e voltar e adiou a empreitada para outro dia. Ela já havia desembolsado R\$ 2 para cadastrar os cupons na lan house, numa tentativa de acelerar o processo.

Ampliação

Algumas pessoas também vêm de Extremoz, Ceará-Mirim e São Gonçalo do Amarante e são igualmente atendidas. Em dezembro, essas cidades juntas receberão quatro mil cestas e também entrarão no programa. A Secretaria Estadual de Trabalho e Assistência Social (Sethas) aguarda apenas uma brecha na agenda da governadora Wilma de Faria para organizar a inauguração. Do outro lado da cidade, na Central do Cidadão de Ponta Negra, a dona de casa Margareth da Silva Pinto não precisa chegar cedo para ser atendida, mas amarga longas horas de espera até conseguir o vale-cesta.

PAINEL

RENATA LO PRETE
Folha de São Paulo

Efeito dominó

O Ministério Público aguarda de olhos arregalados o julgamento, pelo STF, do habeas corpus de Sonia e Estevam Hernandes. O problema dos procuradores não é exatamente o casal fundador da Igreja Renascer, acusado de evasão de divisas e falsidade ideológica, mas sim o fato de que os ministros do Supremo decidirão se a formação de uma organização criminosa pode ou não ser considerada crime antecedente para a configuração de lavagem de dinheiro.

Se a tese for rejeitada (e falta apenas um voto favorável ao casal Hernandes), cairão por terra praticamente todas as denúncias por lavagem já feitas pelo Ministério Público, incluídos os casos do banqueiro Daniel Dantas e da Igreja Universal do Reino de Deus.

No saco

Em privado, as principais lideranças do DEM, bem como do aliado PSDB, consideram crítica a situação de José Roberto Arruda, que, segundo inquérito da PF, teria autorizado distribuição de dinheiro a deputados distritais de sua base aliada.

Caminho...

A Linknet, uma das empresas apontadas como participante do suposto esquema de pagamento de propina, teve somente uma adversária no recente pregão em que levou R\$ 223 milhões para prestar serviços de processamento de dados ao governo do Distrito Federal.

...livre

Na prática, não houve disputa: a proposta da outra empresa era de R\$ 254 milhões, valor muito próximo ao previsto no edital.

Reincidente

Em 2007, já no governo Arruda, o Tribunal de Contas do DF apontou indícios de direcionamento em pregão semelhante. Houve nova concorrência, e a vencedora foi... a Linknet.

Túnel do tempo

Um veterano da campanha petista de 1994 critica César Benjamin pelo artigo em que afirmou ter ouvido naquele ano de Lula que este havia tentado 'subjugar' um colega de cela durante a ditadura: 'O Lula de 94 não é o Lula de hoje'.

Off

Comunicado do chefe de gabinete Gilberto Carvalho informa que, a partir de agora, os ministros não poderão usar nenhum equipamento eletrônico em audiências com o presidente. Os aparelhos devem ser deixados na portaria ou com ajudantes de ordem.

TIROTEIO

“Se ele ler os jornais, perceberá que o governo não está exagerando na dose.”

Do deputado FERNANDO FERRO (PT-PE), refutando as críticas do controlador-geral da União, Jorge Hage, ao projeto do Executivo que pretende limitar a atuação do TCU na fiscalização de obras públicas.

CONTRAPONTO

Curto-circuito

Em 9 de novembro, Dilma Rousseff esteve no município baiano de Cipó. No dia seguinte, que terminou com um apagão em 18 Estados brasileiros, o petista José Roberto subiu à tribuna da Câmara para lembrar a visita e exaltar as qualidades da 'candidata do Lula'.

...Mãe do Luz para Todos!... começou o vereador.

Mais adiante, uma nova qualificação:

...Mulher de energia!

Por fim, a versão mais poética:

...Mulher de luz!

No exato momento em que José Roberto encerrou seu longo discurso, o breu se instalou no plenário

| POBREZA | Situação de Pureza reflete realidade dos pequenos municípios

Receita própria: R\$ 5mil Funcionários: 300

Fábio Farias, do Novo Jornal

LOCALIZADO A CERCA de 70 km de Natal e com oito mil habitantes, o município de Pureza depende quase que exclusivamente dos repasses do Governo Federal para manter a prefeitura – maior empregadora da cidade. A beleza das águas cristalinas contrasta com a situação de parte da população que, com os cortes nos repasses do FPM (Fundo de Participação do Município), teve que ser demitida em nome do equilíbrio das contas. No início de dezembro, no entanto, o município vai receber, de uma vez só, a última parcela do fundo que deverá movimentar a economia local.

O corte nos repasses do FPM durante o ano de 2009 teve efeitos negativos na maior empregadora do município. O impacto disso no orçamento foi de uma queda de cerca de 20% na receita em comparação com 2008. Para equilibrar as finanças, a prefeitura teve que cortar funcionários e

a capacidade de investimentos, já baixa na cidade, ficou quase reduzido à zero. “Esse corte praticamente nos deixou com mãos atadas para investimentos” conta a prefeita da cidade, Soraia Santana (PSDB).

Com o corte não planejado 2009 não foi fácil. “Passamos o ano bem apertado” afirma Soraia. A secretaria de finanças de Pureza tem como principal gasto a folha de pagamento, além dos custos como a merenda e o transporte escolar, pagos com dificuldade. Sobre a parcela que o município vai receber em dezembro deste ano, que terá o mesmo valor que de dezembro do ano passado, a prefeita lembra que “não levaram em conta o aumento do salário mínimo.”

A arrecadação dos impostos em Pureza não passa de R\$ 5 mil mensais. O ICMS da exploração dos canaviais por empresas privadas, que poderia gerar alguns rendimentos, ficam com Ceará Mirim e a movimentação turística é quase inexistente. Fora isso, o ISS e o IPTU são mínimos.



Prefeita Soraia: “Passamos o ano bem apertado”

Corte de repasses provocou desemprego

A prefeitura emprega hoje 300 pessoas. Na época dos cortes do Fundo, cerca de 140 pessoas perderam o emprego, em um município onde a maioria dos habitantes é de agricultores. A ex-cozinheira Jucileide Fernandes de 25 anos foi uma delas. Há quase um ano na cozinha do hospital do município, ela foi dispensada e hoje depende do pai para manter a casa em que vive com mais dois irmãos.

Com apenas o ensino fundamental concluído, Jucileide procura em Natal uma oportunidade de emprego. “Eu tenho vontade também de voltar a estudar”, conta. Melhor sorte teve a coordenadora de assistência social do município, Edvânia

Barbosa. Ela não foi demitida e gosta do trabalho na prefeitura, mas confessa que em setembro deste ano, no auge da crise, chegou a ter os salários atrasados. “Mas foi só por pouco tempo, a prefeita pagou tudo depois”, disse.

Uma das secretarias que conseguiu se manter bem, mesmo com a crise, foi a de assistência social. Segundo a secretária Maria de Lurdes, quatro pessoas foram demitidas da sua pasta. Os problemas só não foram maiores porque a Lei Orgânica do Município impede cortes na secretaria. Atualmente, a assistência Social de Pureza atende duas mil, das duas mil e quinhentas famílias que vivem na cidade.



Jucileide perdeu o emprego de cozinheira

Cota extra vai garantir o 13º

Em 10 de dezembro deste ano, o município vai receber de uma só vez a cota extra de R\$ 189.863,97, referente aos 1% restantes do FPM que Pureza ainda tem que receber. O valor é quase três vezes mais alto do que as cotas normais pagas durante o mês. Esse dinheiro vai servir, principalmente, para o pagamento dos 300 funcionários efetivos da prefeitura. “Sem esse dinheiro, não teríamos como pagar o décimo terceiro dos funcionários da prefeitura”, afirmou a prefeita Soraia Santana. Porém, de acordo com a secretaria de finanças, nem para isso o dinheiro será suficiente.

Em todo o Brasil, o Governo Federal deverá distribuir R\$ 2,1 bilhões entre os municípios brasileiros através de um coeficiente medido pela faixa populacional. Os que têm até 10 mil habitantes, como é o caso de Pureza, se enquadram no coeficiente 0,6, o menor índice. Segundo dados da Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte (Femurn), 105 cidades no Estado se enquadram no menor coeficiente. A Femurn ainda não tem dados de quanto será repassado apenas para o Rio Grande do Norte por meio desse último repasse.

Edvânia está ansiosa pela liberação do décimo terceiro, que virá depois desse último repasse. Ela conta que planeja, primeiro, pagar as suas contas com o dinheiro extra que receber. Depois, vai passar numa lojinha de eletro de Pureza para comprar um DVD e talvez um microondas.

“To precisando muito de eletro e além disso, é claro, de preparar a ceia de natal”.

Edvânia Barbosa
Assistente Social





Contribuição a um Cânone Potiguar

“MEMÓRIAS DE UM Sertanejo”, de Artéfio Bezerra da Cunha (Editora Pongetti, Rio, 1971) é um desses livros canônicos embora escrito por um dileitante sem pretensões literárias; um livro que está para o sertão do Seridó como está para o Agreste, em termos etnográficos e sociológicos, “Oiteiro, Memórias de uma Sinhá Moça”, da cearamirimense Maria Madalena Antunes Pereira.

Neste, ou seja, no livro de Dona Madalena, toda uma cultura empírica relacionada com a civilização canaveira; naquele, a chamada civilização do couro e, por extensão, do “ouro branco” que fizeram, em momentos distintos da nossa história, a economia e a riqueza do Rio Grande do Norte.

Publicado anonimamente já no fim da vida do autor, sem as benesses da publicidade que de imediato deu notoriedade a Dona Madalena, o livro de Artéfio é igualmente um extraordinário documentário, escrito aos 82 anos do autor requemado dos sertões seridoenses, então um abastado e prestigioso gentil-farmer, filho de Antonio Gabriel Pires (Pacatônio) e de Maria Januária Bezerra da Cunha (Dona Sinhá), protagonista e testemunha veraz e inteligente da história local e regional, o que inclui revoluções e o crime organizado, representado então pelos bandos de cangaceiros e bandoleiros que assaltavam fazendeiros e pequenos proprietários rurais. Pacatônio, aliás, homem inteligente e de alguma cultura livresca, teria veleidades literárias. Pensava, inclusive, em escrever e

certamente o teria feito se a morte não o tivesse alcançado com o seu dedo longo em plena juventude.

Livro rico de observações e minúcias, digno de figurar ao lado de outras obras do gênero memorialístico — e aqui lembro especialmente “A Várzea do Açú”, “Patriarca e Carreiros” e “Cavalo de Pau”, de Manuel Rodrigues de Melo —, “Memórias de um Sertanejo” amplia o nosso conhecimento acerca de um tema pouco estudado, apesar da influência exercida em nossa formação de raízes agrícolas e pastoris.

Merece destaque o capítulo referente ao noivado e casamento de seus pais, ajustado pelo pretendente diretamente com a mãe da noiva, então viúva, que mal se viram e, no entanto, se amaram e segundo os costumes da época formaram uma família exemplar, baseada em princípios consuetudinários, assim explicados pelo próprio Artéfio no capítulo “Meus Pais”, o único, segundo ele admite, colorido por uma pitada de ficção, porque construído exclusivamente com a memória de relatos familiares.

“(…) Na época, era difícilimo o ajustamento dos casórios, porque somente aos pais cometa aquela promessa de ajuste que era ofertada em reciprocidade pelos pais, também com uma singularidade; havia imposições de parte a parte, de só selarem o contrato de primos, primos irmãos e até de sobrinhos, para não confundirem, promiscu-



amente, o sangue real com o africano, que já havia contaminado todo o território brasileiro, pois, na descoberta dos portos brasileiros estavam sendo despejados levas e mais levas de africanos pelos “navios negreiros”, cujos proprietários fazem comércio humano, comprando e vendendo os negros como uma mercadoria comum; e, às vezes, clandestinamente, carregavam e apuravam a ignorância da

massa humana daquela gente preta e humilde”.

E, prosseguindo em seu relato, retrata o que ele chama de “romance antigo”:

“...E os jovens, Pacatônio e Sinhá, eram de linhagem estranha e nunca tinham se visto, senão naquela passagem auspiciosa para ambos, onde os olhares agitam o coração e procuram a intimidade, a confiança e, por conseguinte, o

amor. Apesar do juramento sagrado de se esposarem, iam surgir dificuldades que somente o decorrer do tempo podia amenizar. Pacatônio residia numa vila afastada da residência de Sinhá, porém, vez por outra passava em casa dos pais dela, somente com o intuito de trocar um olhar com a sua amada e confidente, mas era tudo em vão, porque era proibido, por educação doméstica dos pais, as filhas terem contacto, entrevista, com os rapazes, pessoas estranhas à casa. E Sinhá, quando ouvia a fala de Pacatônio na sala, abrasada pela chama do amor, ficava titubeante e para amenizar aquela paixão concentrada, vinha de ponta de pé se esgueirando pelas paredes da sala de jantar até à porta trancada que dava para a primeira sala, onde eram recebidos os hóspedes, ouvindo, dali, nitidamente, a fala do moço Pacatônio (...)

Dessa obra, destacam-se ainda os excertos de um inventário arquivado no 1o. Cartório de Serra Negra, referente à escravidão de Manoel Pereira Monteiro, falecido aos 90 anos em 11 de setembro de 1820, rico proprietário da Fazenda Dinamarca, falecido aos 90 anos em 11 de setembro de 1820. Além de informações curiosas sobre a ação de pistoleiros e do crime organizado, repito, ativo na zona rural da vasta e então inóspita região do Seridó norte-rio-grandense e da vizinha Paraíba.

Franklin Jorge escreve neste espaço todos os domingos.

PLURAL

FRANÇOIS SILVESTRE DE ALENCAR
ESCRITOR

Cartas

cartas@novojornal.jor.br

DO LEITOR

Muita paisagem e pouco voto

Visitei há algum tempo algumas serras cearenses. Pacoti, Palmácia, Guaramiranga. Senti inveja. Não da paisagem. A nossa nada deve. Mas do tratamento. Grotas recheadas das plantas nativas. Nenhuma marca de queimadas. Nem caçadores nas encostas. Lá, cuidam das serras o poder público e os nativos. Aqui, o poder público abandona e os nativos ajudam a destruir. Aqui não há Ibama, governo estadual nem municipal. Daqui a cinquenta anos haverá prefeito e vereadores, mas não haverá mais caçadores nem broqueiros. Trapiás, não os há. Nem croatás, macaúbas ou cajás verdadeiros. Angicos e ipês quase desaparecidos. Os pássaros que sobraram estão nas gaiolas, cantando aprisionados em homenagem ao Ibama. Tudo exposto à venda. Como os votos. E não falta comprador.

Por falar em votos... a serra seria outra se os líderes prometessem menos e fizessem mais. Vejamos. O Senador José Agripino prometeu um teleférico. Essa promessa já atingiu a maioria. Coisa de dezoito anos. O Senador Garibaldi Alves prometeu a estrada Martins- Pilões, que reduz na metade o tempo de viagem Martins – Pau dos Ferros. Promessa adolescente. Pouco mais de quinze anos. A Governadora Wilma de Faria prometeu transformar Martins numa nova Gramado. Promessa garota, de oito anos. Alguns nativos ainda pensam que ela prometeu plantar grama. Nem grama nem Gramado. Cada vez que algum deles aparece, coisa de alma, só em época de eleição, renova a promessa. Promissória renovada e nunca paga. Já tenho apostas feitas sobre a repetição das promessas. E Bebê guarda o gravador municiado. Dirá um: “Reeleito senador, assumo o compromisso de instalar o teleférico. O dinheiro está ouvindo a conversa”. O outro falará: “Estou com uma emenda pronta para efetivar a construção da estrada para Pilões. Preciso voltar para o senado, pois só assim a estrada sairá”. E ela explicará: “Conversei com meu sucessor. Tá tudo acertado. De lá do senado eu vou dar condições para ele transformar Martins numa nova Gramado”. Palmas

para eles. Eles merecem. E aí dirão que adoram Martins e que o povo daqui é um povo bravo, digno e lutador. Papo furado. O povo daqui é tão ruim quanto eles.

Pobre serra. Pobres grotas. Miserável gente. O poder público faz escola e acaba ensinando ao povo. Numa escola dessas o povo aluno fica pior do que é. Lembram de Camões? O rei fraco faz fraca a forte gente.

De quem olha do Mirante de Mãe-Guilé, das encostas de Lagoa Nova, passando pela Pedra Rajada, até o Serrote dos Picos, contava-se, desde o sítio de Zé Miguel, cerca de dezoito olhos d'água. Isso há trinta ou quarenta anos passados. Hoje contamos três. Só. Quinze mortos. Por quê? Porque os broques e queimadas destruíram a vegetação nativa. E não há nascente de olho d'água sem mato que lhe guarneça. Morre a planta, depois o animal e a água seca.

Mas isso não sensibiliza o poder. Lá, onde se mexe com grana e se trama o jogo dos caixas não se precisa de nascentes nem de riachos. E os nativos colaboram com a destruição. Os dez reais de um galo de campina ou os doze de um tatu justificam a morte da sua habitação. Rei fraco, fraca gente.

Ao fim do texto é que me lembro. Quantos votos há aqui? Qual o eleitorado dessa chá? Quanto valemos? Ora, senhores! Valemos muito pouco. Entre cinco e seis mil votos. Isso é lá votação pra botar banca? Era só o que faltava. Eu ter o atendimento de incomodar nossos sofridos e esgotados líderes por uma merreca de dez cuias-de-oito de votos.

Peço desculpas, mas infelizmente o texto tá pronto e eu preciso ir tomar uma gelada que me espera ansiosa. Ela e a carícia da espuma.

E a paisagem que desafia políticos e nativos. Bela e viva. Com seu azul de distância e seu cinza de desprezo.

Paisagem de sobra. Votos de menos. Com isso vamos esperar a caravana e os belos discursos canalhas que trazem a fortuna de São Severino dos Ramos, o único santo que enriqueceu com promessas. Inté Domingo que vem.

François Silvestre escreve neste espaço todas os domingos

Apelo

Hoje, não vou telefonar para não encher seu saco [Casiano Arruda]. Sai cedinho, para caminhar ao passar pelo portão o entregador do Novo Jornal estava chegando. Perguntei pelo jornal de Geraldo Batista do 1301. Ele disse aqui na lista não tem o nome do senhor. Pedi permissão para olhar a lista. Realmente não tinha meu nome. Agora mesmo, o chefe de circulação me ligou e perguntou se eu havia recebido o jornal. Expliquei para ele o problema. Ele disse: Tem o seu nome na relação. Eu respondi, nem o entregador nem eu somos mentirosos, trate de fazer sua lista direito. Ele pediu desculpas mas reafirmou que na lista do computador constava meu nome. E a primeira vez no mundo que um computador imprime algo diferente do que foi digitado. É um milagre da tecnologia.

Vamos esperar que amanhã meu nome conste na lista. UFA!

Antigamente, quando eu não conseguia resolver um problema

apelava para a Roda Viva e rapidamente conseguia. Amanhã, se não for resolvido eu vou apelar novamente para a Roda Viva.

Geraldo Batista

Lançamento

Caros amigos, compartilho com vocês a informação sobre o lançamento do livro da Elizabeth Oliveira, que trabalhou na imprensa de Natal até há alguns anos e hoje mora

no Rio. Beth deixou há pouco a equipe do Jornal do Comércio do RJ, pois virou mestra em Ecologia e Sustentabilidade pela UFRJ. Seu livro é bastante interessante e mira principalmente a consciência dos jovens. Será uma das obras que servirão de referência para a próxima Campanha da Fraternidade.

Jomar Moraes

Velho

O FestNatal parece um evento da Terceira Idade. Esse ano o Valério Marinho se esmerou, trazendo artistas que estão arrastando os pés. O festival está ficando velho, velhíssimo. Na cara e no conteúdo.

Samuel de Castro, Ponta Negra

Déjà vu

O FestNatal está ficando para trás. Não tem novidades, atrativo de todos os festivais, principalmente de cinema. Nenhum lançamento. Artistas superados.

Valério está investindo na 3ª. Idade.

Pedro Carlos

Falta

Senti falta de cobertura do Gardênia Day. Nenhuma nota. Nenhuma reportagem. Pelo visto o Beco da Lama não fede nem cheira para os que fazem o NOVO JORNAL.

Climério Dias

NOVO

JORNAL

ASSINE JÁ:

3198.0500

TUDO PELO SOCIAL Locomotivas unem o Jet

Priscile Gimenez Alves e Mário Roberto Barreto abrem o jet set para a classe política.

FOTOS: D'LUCA/NU



Casa de Henrique e Priscila, onde aconteceu a festa



Roberto Galvão, Mildred Dore, Iberê Ferreira e Da Graça Viveiros



O aniversariante Mário Barreto, José Agripino e Anita Maia



Alan e Priscila



Garibaldi Filho e Henrique Alves



Elinor, Marcelo Alecrim, Rosalba e Carlos Augusto



Deputado Fábio Faria ataca de DJ



Priscila, DJ Gilvan e Mário Barreto



Jota Oliveira e Regina Motta



Eliana Lima e Bebeto Torres



Henrique e Thaisa Galvão



Festa animada na piscina



Augusto Viveiros e Lourdes Alves



José Agripino e Anita Maia



Henrique e Priscila

Agra e Estrutural. Construindo sonhos para você.

ART&C



Para construir sonhos é preciso juntar desejos, erguer esperanças e planejar felicidades. Essa é a visão da Agra, que chega a Natal com a credibilidade que só uma das maiores incorporadoras do país pode oferecer para os natalenses. Com 13 anos de atuação, a Agra é referência em empreendimentos residenciais, comerciais e hoteleiros nas regiões sudeste, nordeste e norte do país. Com mais de 200 colaboradores e 10.000 trabalhadores indiretos, os canteiros de obra somam quase 2 milhões de m² em construção. Em 2009, em sociedade com a Veremonte, adquiriu o controle acionário das incorporadoras Abyara e Klabin Segall, passando a atuar em 17 estados brasileiros. Para tornar o sonho maior ainda, a Agra conta com a Estrutural, construtora local especialista em transformar o conceito de morar em viver bem, referência graças ao seu alto padrão de execução e satisfação de seus clientes. Empresas sólidas, unidas pela maior de todas as realizações: a sua felicidade.



| SAÚDE | Levantamento mostra que 95% das unidades públicas e privadas de Natal e Parnamirim não fazem controle da qualidade da água

Hospitais não fazem tratamento da água

“As bactérias se acumulam nos canos e nos reservatórios. Quando não se trata a água, o contato com os pacientes, que estão mais fracos e suscetíveis ao contágio de doenças, pode levar à infecção”.

Jesaias Rodrigues Silva, microbiologista

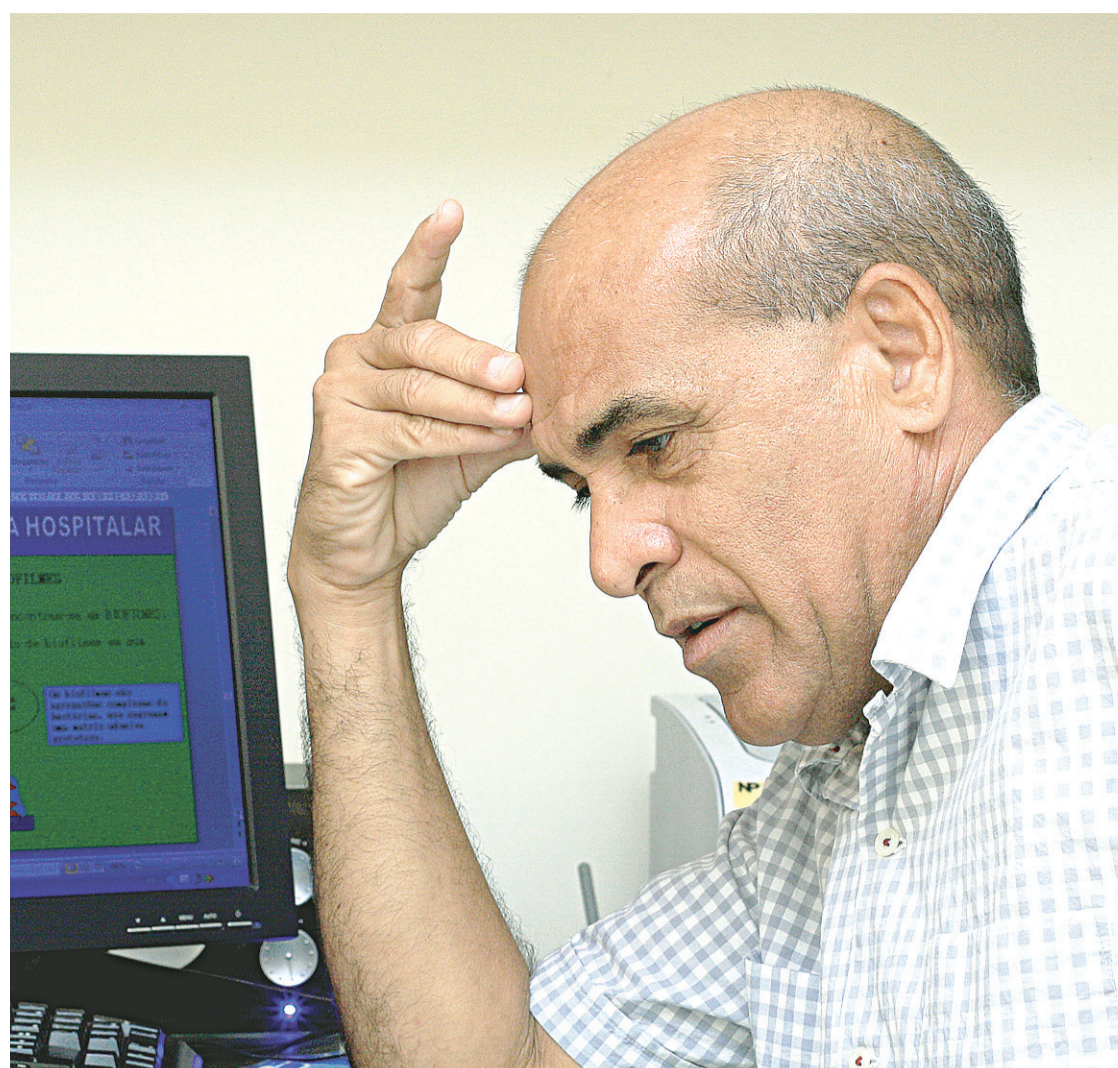
Rafael Duarte, do Novo Jornal
Foto: Humberto Sales

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO técnico em microbiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Jesaias Rodrigues Silva sobre a qualidade da água dos hospitais públicos e privados de Natal e Parnamirim apontou que 95% das unidades não usam nenhum equipamento para fazer o tratamento da água. As informações foram coletadas junto

às Comissões de Controle de Infecção Hospitalar e aos setores de manutenção de 19 hospitais. Os 5% que reconheceram o uso no tratamento citaram o doseamento automático de cloro na rede de distribuição da unidade. Os resultados da pesquisa foram divulgados no II Congresso Norte-Nordeste de Epidemiologia e Controle das Infecções Hospitalares, realizado em Natal há quatro meses. O microbiologista não quis divulgar os nomes dos hospitais consultados por questões éticas e condicionou a publica-

ção da entrevista à omissão da identidade deles.

De acordo com Jesaias, a qualidade da água é uma das causas das infecções hospitalares provocadas por bactérias. “(As bactérias) se acumulam nos canos e nos reservatórios. Quando não se trata a água, o contato com os pacientes, que estão mais fracos e suscetíveis ao contágio de doenças, pode levar à infecção”, afirmou. Ele acredita que a falta de uma legislação específica sobre a água dos hospitais, ao contrário do que ocorre com a



água comum, explica a ausência de controle.

“Infelizmente as coisas só acontecem depois das tragédias. Quando o ex-presidente Tancredo Neves morreu por causa de uma infecção hospitalar, o tema passou a ser tratada de outra forma. Mas ainda é complicado. Para você ter uma idéia, nem todos os hospitais de Natal possuem comissões de controle de infecção hospitalar, o que é obrigatório por lei”, disse.

As UTI's, os centros cirúrgicos, os setores de otorrinolaringo-

logia (lavagem de endoscópios) e de hemodiálise, além das salas de parto estão, segundo o especialista, no principal grupo de risco das infecções hospitalares provocadas por bactérias encontradas na água. “Um paciente internado numa UTI está mais exposto a esse contato, pois está em contato com os tubos de respiração que são lavados com a água da rede”, citou. Entre as infecções mais comuns causadas por bactérias estão a pneumonia, traqueostomia, sinusite, infecção do trato urinário, meningite e infecção ocular.

No mesmo levantamento, o microbiologista constatou que a água consumida é analisada em 58% dos hospitais públicos. O índice diminuiu nos particulares, onde apenas 42% admitem o monitoramento, que varia de eventual a semestral. Também chama a atenção a pergunta sobre a frequência com que os reservatórios de água são lavados nos hospitais: 58% não responderam enquanto os outros 42% admitiram uma lavagem a cada seis meses.

■ Continua na página 10



Programa Mais Folia Toda emoção do Corredor da Folia!

Dias 04 e 05 de dezembro, a partir das 23h você vai ficar por dentro de tudo o que acontece no maior carnaval fora de época do Brasil. Tudo isso e muito mais você acompanha ao vivo, no programa Mais Folia ao comando de Manú Pessoa, Lígia Mendes e Beto Marden.

A melhor cobertura do Carnaval 2009 você acompanha aqui na TV Ponta Negra. Presente na vida da gente.



Foto: Jason Amaral

Fiscalização só ocorre de ano em ano, diz a Covisa



“A Covisa não faz análises.

Nossa inspeção, que acontece tanto em hospitais públicos como privados, é feita com a coleta desses laudos. E até agora nenhum problema foi constatado”

Josieudes Paiva, técnico ambiental da Coordenação de Vigilância em Saúde em Natal (Covisa)

De acordo com o técnico ambiental da Coordenação de Vigilância em Saúde em Natal (Covisa), Josieudes Paiva, a fiscalização da água nos hospitais públicos e privados da capital acontece em média uma vez por ano. Indagado se o espaço de tempo entre uma fiscaliza-

ção e outra não é muito grande, ele defende dizendo que o procedimento é feito com base nas normas do Ministério da Saúde. “Até o momento, as análises foram suficientes. Os pacientes não correm riscos”, garantiu.

Ele explica que durante a fiscalização, a Covisa pede um

exame físico-químico e bacteriológico da água no caso do hospital que possui poço próprio ou cisterna. “Se a água for da Caern, a gente só pede o exame bacteriológico porque a companhia fornece o físico-químico”, diz.

As análises, segundo o téc-

nico ambiental da Covisa, são realizadas em laboratórios da UFRN, IFRN e até da Caern. “A Covisa não faz análises. Nossa inspeção, que acontece tanto em hospitais públicos como privados, é feita com a coleta desses laudos. E até agora nenhum problema foi constatado”, disse.

Hospitais públicos alegam falta de recursos humanos para monitorar riscos de infecção

A fiscalização da qualidade da água nos hospitais públicos esbarra na falta de recursos humanos. No Santa Catarina, Zona Norte de Natal, uma única enfermeira do Centro de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) é responsável por monitorar riscos de infecção em mais de 200 pacientes por dia. Como não consegue, Eliane Medeiros da Costa elege prioridades. Dos seis setores que recebem enfermos no Santa Catarina, faz o monitoramento em apenas três. “Vou para a UTI adulto, clínica cirúrgica e para a maternidade, onde o risco é maior. Precisava de pelo menos mais uma pessoa para ajudar”, diz.

Ainda assim, os resultados nos setores monitorados são considerados satisfatórios pela enfermeira. Das 317 cirurgias realizadas no hospital entre janeiro e setembro de 2009, a CCIH contabilizou apenas 11 infecções hospitalares. Sobre a qualidade da água, Eliane diz que o monitoramento é feito a cada seis meses. Quando aparecem indícios de que algum paciente foi contaminado pela água, a CCIH recolhe o material huma-

no das mãos dos funcionários do hospital para detectar bactérias. “A cada seis meses também fazemos a limpeza e higienização da caixa d’água e um poço perfurado. Os exames são feitos em laboratórios de São Paulo e do IFRN. Esse ano, não tivemos nenhuma contaminação pela água”, afirmou.

Indagada sobre o que acha do levantamento realizado pelo téc-

“O problema é de gestão. Alguns hospitais estão mais preocupados com a aparência”.

Eliane Medeiros da Costa
Enfermeira do Centro de Controle de Infecções Hospitalares

nico em microbiologia da UFRN, ela afirma com a autoridade de quem já integrou a Comissão Estadual de Infecção Hospitalar que há um certo relaxamento dos hospitais privados em relação ao monitoramento da água. “O problema é de gestão. Alguns hospitais estão mais preocupados com a

aparência. Quando era da comissão, alguns hospitais diziam que não havia casos de infecção, mas sabíamos que tinha por colegas que trabalhavam lá dentro”, conta, sem citar nomes.

Além do Santa Catarina, o NOVO JORNAL procurou ouvir a direção do Hospital Walfredo Gurgel, mas o diretor técnico Cláudio Guzzo informou que não

poderia atender por conta dos últimos acontecimentos no hospital. Por e-mail, avisou: “Gostaria muito de responder aos seus questionamentos, porém o hospital vive hoje um momento de interdição em alguns setores, situação esta que exige toda a nossa atenção na busca pela solução do problema”,



Eliane Medeiros da Costa

disse. O presidente da Associação dos Hospitais Privados do Rio Grande do Norte, Elcio Miranda, afirma que não tem conhecimento de casos relacionados com contaminação de água em hospitais particulares. “A Covisa faz uma ação muito positiva nesse sentido”, disse ele, acrescentando que o Rio Grande do Norte tem um índice de infecção hospitalar abaixo da média do país. Questionado sobre os números desse índice, não soube informar.

ÁGUA CONTAMINADA MATOU 65 EM CARUARU

A maior tragédia da história do país em relação à contaminação de água hospitalar ocorreu há 13 anos no Instituto de Doenças Renais de Caruaru, em Pernambuco. A contaminação da água utilizada para hemodiálise com microcistina, uma toxina de cianobactéria, causou a morte de 65 pacientes. O IDR funcionava há dez anos e mantinha cerca de 130 pacientes sob tratamento. Na época, em Caruaru, a água era escassa e o fornecimento irregular na cidade. Por conta disso, a água que chegou ao IDR veio transportada em caminhões pipa sem tratamento adequado. Logo, a água que abasteceu o reservatório da clínica estava contaminada com toxina de ciano-bactéria.

Várias hipóteses foram levantadas até descobrirem a verdadeira causa da tragédia, como leptospirose, intoxicação por cloro, contaminação por agrotóxicos ou infecção por vírus ou bactéria. O diagnóstico definitivo veio através da professora do núcleo de pesquisas de produtos naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Sandra Azevedo. Especialista em cianobactérias, associou o quadro clínico dos pacientes do IDR à contaminação produzida por essas algas.

Experiência na Alemanha reduziu índice de infecção

Um simples filtro acoplado nas torneiras de uma maternidade da Alemanha reduziu de 46% para 12% o índice de infecções hospitalares no pós-parto. Uma solução simples e com custo mínimo que, segundo o microbiologista Jesaiás Rodrigues, poderia ser implantada pelos hospitais públicos de Natal. “As soluções para amenizar o problema são simples. Uma medida como essa que ocorreu na Alemanha é significativa e barata”, analisa.

Nos EUA, especialistas estão usando o cobre para reduzir as infecções. O cobre é um metal antimicrobiano que elimina as bactérias que entram em contato com ele. O uso desse elemento químico não é uma novidade. Civilizações antigas armazenavam água em recipientes de cobre para que não houvesse contaminação.

SEGREDO DE JUSTIÇA | Seis meses depois da morte da menina, autoridades mantêm sigilo sobre as investigações do crime que chocou a sociedade

O silêncio envolve o caso Maisla

Anderson Barbosa, do Novo Jornal

O SILÊNCIO É absoluto. Não fala o juiz, não se pronuncia o advogado de defesa, nada tem a dizer a promotora do caso, muito menos vem a público para prestar qualquer satisfação a delegada que presidiu o inquérito. Sob a alegação de que o processo corre em 'segredo de justiça', fica sem respostas a sociedade e, principalmente, a família da estudante Maisla Mariano dos Santos, de apenas 11 anos, assassinada no dia 12 de maio deste ano. A menina, além de molestada sexualmente, sofreu 26 perfurações à faca e teve o corpo esquarterado em onze pedaços. Depois, as partes mutiladas foram embrulhadas em sacos plásticos e desovadas em terrenos baldios ao longo da Avenida Tomaz Landim, na zona Norte de Natal. Desde então, poucas questões permanecem totalmente incontestes: entre elas a de que uma criança foi brutalmente assassinada; quem matou Maisla ainda é uma incógnita; familiares sofrem com a falta da menina; e, tanto defesa como acusação - agora calados - já fizeram muito barulho neste caso.

Hoje, 232 dias após a morte de Maisla, também é correto dizer que, embora as autoridades envolvidas mantenham sigilo total sobre os resultados de algumas diligências empreendidas nos últimos dias, não divulguem o conteúdo de laudos e perícias complementares realizadas em laboratórios de Salvador, e também não se revelem qualquer detalhe sobre o andamento do processo que acusa o ambulante Osvaldo Pereira de Aguiar (54 anos), o maranhense segue como único suspeito da monstruosidade que chocou o Rio Grande do Norte. O crime mereceu repercussão nacional e também foi notícia em sites internacionais.

Preso dois dias após o assassinato, a cúpula da segurança pública do Estado entendeu que não tinha mais o que esconder sobre a vida pregressa de Osvaldo e o apresentou à sociedade. Sem cerimônia, ele foi apontado como um assassino frio e calculista. Hoje, o maranhense Osvaldo Pereira de Aguiar, que é natural da cidade de Porto Franco, completa exatos 230 dias de permanência na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, em Nísia Floresta.

No dia 18 de maio, menos de uma semana após a morte de Maisla, jornalistas foram convocados para uma entrevista coletiva e, na sede da Delegacia Geral de Polícia Civil (Degepol), foi transmitida à notícia que o crime já estava elucidado. Rapidamente, a titular da Delegacia Especializada em Defesa da Criança e do Adolescente (DCA), Adriana Shirley, e o delegado geral de Polícia Civil, Elias Nobre de Almeida Neto, se encarregaram em dar a resposta que a sociedade e os familiares da menina cobravam. "Temos o assassino. Todas as evidências nos levam a Osvaldo. Temos indícios suficientes que o incriminam", declararam com veemência. Naquele dia, ambos estavam visualmente satisfeitos com a juíza Mariana Melo Martins, que dois dias antes já havia decretado a prisão preventiva do suspeito.

Ao iniciar a coletiva, Elias frisou: "Osvaldo é um homem frio, calculista, perigoso e com tendências para cometer esse tipo de atrocidade". O delegado geral também apresentou uma sentença expedida pelo Tribunal de Justiça de Rondônia, datada de 2005, onde Osvaldo havia sido condenado a 21 anos de prisão, em regime fechado, por abusar sexualmente de três meninas. Contra ele, ainda pesava a condenação de oito anos por associação ao tráfico de drogas, também em Rondônia. Naquela mesma ocasião, a delegada Adriana Shirley, que presidiu o inquérito, também foi contundente em suas palavras. Disse ela: "Um crime dessa natureza e de tamanha proporção merece uma resposta rápida à sociedade. E é isso que estamos fazendo", acrescentando que esperava concluir as investigações em no máximo 30 dias.

Já no dia 17 de junho, portanto um mês após declararem que as investigações seriam concluídas e o inquérito entregue ao Ministério Público, novamente os delegados Elias Nobre e Adriana Shirley convocaram uma coletiva para falar com a imprensa. E mais uma vez nada de dúvidas. Para provar as acusações, foram apresentados dois volumes de laudos periciais. O primeiro, necroscópico, foi realizado pelo Itep do RN. Já o segundo volume, elaborado pelo Laboratório de Genética Forense do Instituto Médico Legal de Salvador, continha, segundo a própria polícia, evidências irrefutáveis contra Osvaldo.

O resultado da necropsia confirmou que Maisla não havia sido estuprada antes de morrer, ou seja, que ela não havia sofrido conjunção carnal com penetração de pênis na vagina ou ânus. Dizia, no entanto, que a menina tinha sofrido abuso sexual, provavelmente molestada com dedos ou outro objeto qualquer. Das 26 cutiladas, 16 foram no abdômen, cinco no braço direito, três na face e duas no hemitórax esquerdo. A arcada dentária dela foi destruída, o maxilar foi partido e vários dentes arrancados. Tudo isso aconteceu com Maisla ainda viva, segundo o resultado da necropsia assinada pelo médico legista Carlos Jatobá, do Instituto Técnico-Científico de Polícia do Rio Grande do Norte. E para mutilar o corpo de Maisla em onze pedaços, o documento trazia a descrição que o acusado teria cortado alguns ossos com uma serra; outros, possivelmente, partidos com um cutelo, machado ou facão. Por último, dizia que ele ocasionou fraturas se utilizando da força, com as próprias mãos.



O maranhense Osvaldo Pereira de Aguiar, principal acusado do crime, usou colete à prova de bala quando foi prestar depoimento no fórum em outubro passado

Laudos incriminam ambulante

Os laudos realizados na Bahia, tão cobrados na época e que levaram três semanas para serem concluídos, revelaram que todas as evidências de sangue encontradas na casa de Osvaldo, acusadas pela aplicação de luminol, eram sim de Maisla. A maior quantidade tinha sido detectada no banheiro do acusado e sobre o colchão, insinuando que a menina tinha sido esfaqueada em cima da cama e seu corpo esquarterado no assoalho do banheiro, onde o corpo teria sido lavado. Também no colchão, ficou a mostra da perversidade. Um retalho do saco plástico usado para embalar e depois ocultar os membros de Maisla ficou

agarrado na espuma - mais uma evidência que, mesmo depois de mutilada, Osvaldo ainda teria desferido um último golpe. A faca havia vazado o saco e deixado um pedaço da sacola encravado em meio à espuma do colchão.

Após revelar o conteúdo dos laudos, a delegada Adriana Shirley resumiu suas conclusões e reconstituiu o crime passo a passo. "Osvaldo convenceu Maisla a segui-lo até sua casa com a promessa de entregar-lhe um presente - já que ela comemoraria sua festa de aniversário em poucos dias - e lá, após violentá-la física e sexualmente, esfaqueou e depois retalhou o corpo da criança. A meni-

na desapareceu por volta das 12h30 do dia 12 de maio. E sua morte, segundo as análises, se deu entre 13h30 e 17h30. Só não podemos precisar se foi uma morte lenta ou se toda a brutalidade foi cometida em uma sequência alucinada de ódio e perversidade".

Ao final do inquérito, remetido ao promotor criminal Edevaldo Barbosa somente no final do mês de junho, Osvaldo foi indiciado por assassinato duplamente qualificado (motivo torpe, cruel e insidioso), atentado violento ao pudor, além de ocultação de cadáver e vilipêndio - quando há violência sobre um corpo já sem vida.



Defesa apresenta contraprovas e acusação se cala

Daqueles dias em diante, a sociedade potiguar acompanhou pelo noticiário o acusado negar a autoria do crime. Sempre na presença do advogado Araken Farias, foram incontáveis as vezes que Osvaldo Pereira de Aguiar afirmou possuir alibis que comprovavam sua inocência, uma vez que duas testemunhas o teriam visto trabalhando, vendendo biquínis na orla da praia de Areia Preta no momento exato em que Maisla desapareceu. Chegou, inclusive, a dizer que a mãe da menina, a dona de casa Marisa Mariano de Moura dos Santos, ainda o perdoaria quando descobrisse o verdadeiro culpado.

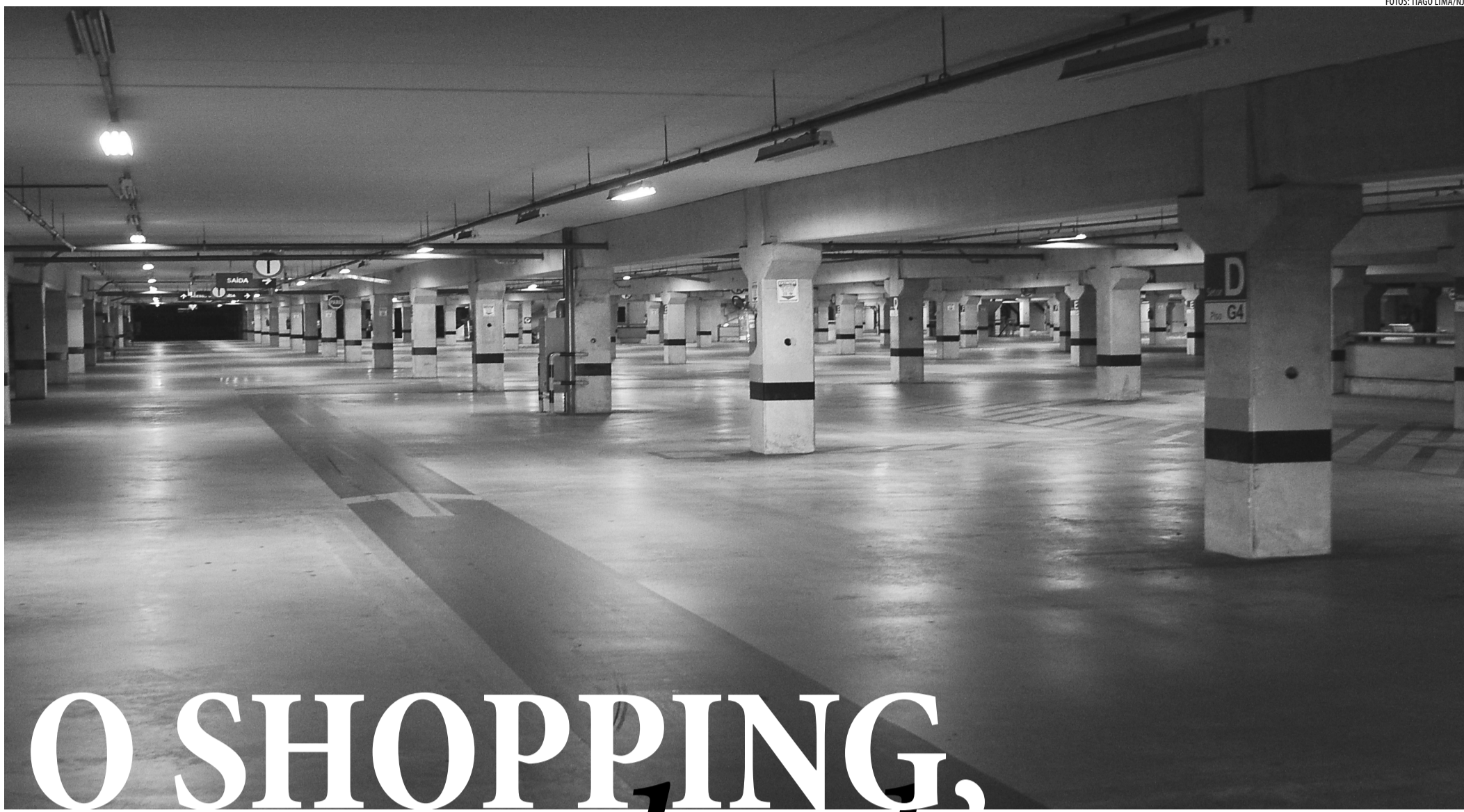
O advogado criminalista Araken Fa-

rias tornou-se advogado de Osvaldo no dia em que ele foi preso. Por volta das 13h do dia 14, dois dias após a morte de Maisla, a polícia prendeu o ambulante. Ele estava escondido na casa de uma irmã, na praia da Redinha. De lá, ela ligou para Araken e perguntou se ele aceitaria defender Osvaldo da acusação de ter matado a menina. Ele respondeu que sim, mas na condição que Osvaldo se entregasse à justiça na sua presença. No entanto, uma hora antes do combinado, policiais do Núcleo de Inteligência da Polícia Civil chegaram à residência e efetuaram a prisão do acusado.

As investigações prosseguiram e o cer-

co contra Osvaldo se fechava cada vez mais. Então vieram laudos periciais que, ainda de acordo com a polícia, não deixavam dúvidas quanto à autoria do homicídio. Foi quando, embora não revele o valor pago, Araken Farias contratou o perito e legista médico alagoano George Sanguinetti Fellows, conhecido em todo o país por participar de casos polêmicos como o assassinato de PC Farias e, mais recente, contestando os laudos incriminadores contra o casal Nardoni, acusados de matar a menina Isabela Nardoni, em São Paulo.

Continua na página 12



O SHOPPING, *quando dorme*

| PAUSA | Como todo organismo vivo, o shopping também tem sua hora de repouso

Alexandre Honório, do Novo Jornal

O FIM DE um dia no Midway Mall, mesmo que regido pelo tempo do shopping – em torno da qual a passagem das horas é praticamente imperceptível –, não é igual ao dia anterior. Na quinta-feira, 29 de outubro, o Novo Jornal acompanhou o fechamento do maior shopping da cidade. Assim, seja na organização e sincronia das equipes de segurança que acompanham todos os acessos às dependências do shopping e a saída de seus clientes e frequentadores, seja no trabalho dos profissionais de limpeza que procuram dar conta do que estes mesmos frequentadores deixaram para trás ou, ainda, seja no ritmo dos lojistas que encerram seus caixas e apagam as luzes, o fim de um dia no Midway Mall é algo que impressiona.

Para quem se rende à curiosidade e vai um pouco além do tão somente observar, este fim de dia tem início um pouco antes do shopping encerrar de fato suas atividades – ou do efetivo anúncio deste fechamento. Já por volta das 9h30, um pouco antes da execução da música tema que anuncia o momento em que todas as lojas devem iniciar seus procedimentos de fechamento do movimento do dia – e que entrega que dentro de pouco tempo ele encerrará suas atividades –, os clientes parecem perceber a hora de deixar os limites do shopping, concluir suas compras e retomar suas vidas além das paredes do Midway Mall: como que sincronizados com o mundo além das paredes do shopping, tomam os acessos.

Pouco tempo depois das 9h30 o shopping começa a sinalizar que, mesmo que involuntariamente, mais um dia se encerra: algumas lojas, adiantadas ao próprio tempo do shopping, encerram seus caixas, conferem as vitrines e, por fim, fecham suas portas. Enquanto outras lojas esperam pelos últimos minutos que restam antes do fim do dia: esperam por aqueles clientes que costumam deixar para o último minuto a escolha de um presente, de um artigo “indispensável”. Assim, para alguns destes lojistas, sempre existirão clientes por quem, na última hora, sempre vale esperar um pouco mais e, por que não, estender um pouco o expediente para atendê-lo.

Na Praça de Alimentação, por sua vez, os clientes decidem seus pedidos e parecem não prestar muita atenção no que acontece ao seu redor enquanto desfrutam seus pratos: eles parecem não se importar com toda aquela área de convívio ficando mais e mais vazia a cada minuto. Acompanhando um pouco à distância, junto a alguns seguranças que também se posicionam ao longo da praça de alimentação, observando a debandada dos clientes, os integrantes da equipe de limpeza parecem também tomar suas “posições” ao longo de toda a praça, à espera do momento para sua última investida diária. Eles, por fim, enquanto esperam, recolhem as bandejas, pratos, talheres; organizam as cadeiras e mesas desarrumadas; e esperam ainda até que possam, após o fechamento das lojas na praça de alimentação, prepará-la uma vez mais para o dia seguinte.

Assim, organizando as cadeiras por sobre as mesas, a equipe de limpeza do Midway realiza uma verdadeira “dança das cadeiras”. Elias Gabriel, funcionário que trabalha há quatro anos na equipe que atua na limpeza do shopping, afirma gostar do que



Gabriel, há quatro anos trabalhando na limpeza do shopping, dá uma geral na praça de alimentação

Depois das 21h30 o shopping começa a sinalizar que, mesmo involuntariamente, mais um dia se encerra.

Mesmo que regido pelo tempo do shopping, o fim de um dia no MidWay Mall não é igual ao dia anterior.



Tranquilidade e silêncio depois de uma dia de agitação

faz. “Em geral levamos pouco mais de meia hora para organizar tudo quando o shopping fecha. No dia seguinte devolvemos todas aos seus lugares. Não é algo tão difícil assim e chega a ser divertido até”, explicou.

Nesse meio tempo, através dos corredores e na direção das portas que dão acesso às áreas externas e aos estacionamentos do Midway Mall, a equipe de segurança acompanha os que deixam o shopping. Procuram garantir ordem e segurança, realizando ainda uma espécie de varredura prévia, antes do término da última sessão de cinema – quando literalmente os últimos clientes deixam a área interna do Midway. Assim, as equipes de segurança acompanham de perto a movimentação que marca o encerramento do dia. Nos banheiros e vestiários outros membros das equipes de limpeza que atuam no interior do shopping procuram concluir a limpeza dos banheiros de alguns setores.

Enquanto isso, grupos de seguranças se dividem na orientação aos clientes que deixam o shopping através de suas cancelas e na condução dos que ainda se encontram nas áreas comuns. Ao mesmo tempo, na praça de alimentação, passando das 22h, os restaurantes, lanchonetes, cafeterias e sorveterias contrastam com o vazio que parece somente ser quebrado pela movimentação da equipe de limpeza que conclui seu trabalho: a praça com suas lojas com cortinas descerradas e suas luzes apagadas, enquanto a limpeza e a organização da área é concluída para a manhã seguinte.

Por volta das 22h25 as principais acessos ao Midway Mall – as portas que ligam-no diretamente às avenidas Senador Salgado Filho e Bernardo Vieira – são efetivamente fechadas.

A essa altura os corredores do shopping, a exceção dos funcionários das lojas e âncoras e de alguns clientes que já procuram os estacionamentos, estão vazios – alguns até com parte de sua iluminação já reduzida. Os funcionários das lojas âncoras deixam as dependências do shopping por volta das 22h40 e, por fim, restam atividade somente no supermercado e nas últimas sessões de cinema – uma vez que pelo menos três deles terminam próximo à meia-noite, o que significa ainda algum trabalho para seguranças e limpeza.

“Em geral ficamos acompanhando o movimento dos clientes até o fechamento dos cinemas. Depois o shopping fecha de fato. Alguns clientes chegam a deixar seus veículos pernoitando aqui, mas, para isso, em geral, eles tem que preencher um formulário para tanto. Quando acontecem festas – como o Carnatal, por exemplo, alguns chegam a deixar os carros aqui, mas somente tem acesso ao estacionamento com o ticket. Em geral, depois que o movimento termina tudo fica mais tranqüilo. Uma equipe fica até a manhã quando é substituída por outra”, Bruno Maciel, que trabalha a dois anos na equipe de segurança do Midway.

Após o fechamento dos cinemas, de longe, uma vez que até o supermercado que ocupa uma das âncoras do shopping também encerra suas atividades também à meia-noite, o que resta a quem se propõe a acompanhar seu fechamento é observar, uma a uma, as luzes dos corredores do Midway Mall se apagando e a constatação de que, semelhante a um organismo vivo, ele parece descansar e também se prepara para o que virá no dia seguinte.



NEY DOUGLAS/NU

Marisa Mariano de Moura dos Santos encarou o acusado pela morte da filha Maisla durante audiência no fórum

Processo está em fase de conclusão, afirma o juiz

O perito e legista médico alagoano George Sanguinetti Fellows foi convocado para analisar o parecer técnico-científico da investigação, apresentado em juízo no dia 17 de setembro. Ele elogiou o trabalho dos peritos locais, afirmando que seu propósito em Natal não era acusar ou inocentar Osvaldo, muito menos contestar a eficiência do Itep, mas analisar os dados técnicos coletados. E concluiu: "Tivemos acesso aos laudos realizados no carro, na bicicleta, sacolas, roupas, na pia da cozinha, na pia do banheiro, na mesa da sala, no piso, nas facas e no colchão. Em nenhum deles foi comprovada a presença de sangue humano. Na bicicleta, nenhum vestígio relacionado ao crime, seja digital ou sangue foi encontrado. No corpo de Osvaldo foi encontrado sangue", concluiu, afirmando que nada do que foi encontrado liga o corpo ao acusado. "Não estou aqui para culpar ou inocentar, minha contribuição é a medicina legal", finalizou.

Depois de contestar o trabalho feito pela polícia e a revelação dos laudos feitos como contraprova, Sanguinetti foi dispensado e retornou para São Paulo. Só que, antes, dei-

"Não estou aqui para culpar ou inocentar, minha contribuição é a medicina legal"

George Sanguinetti
legista

xou a chamada 'pulga atrás da orelha' quando questionou alguns fatos que não foram levados em consideração ou não tiveram tanta relevância, como os machucados na cabeça e os cortes presentes nas costas da vítima. Além disso, um detalhe até então não revelado, foi explicitado pelo legista, quando se referiu a pratos e talheres descartáveis que estariam com Maisla e que foram encontrados num local "negligenciado" e onde foram existiam facões e machados, tudo a poucos metros da residência da menina e do local onde ela havia sido vista pela última vez empurrando a bicicleta. "Nesse local teria todas

as ferramentas descritas e capazes de fazer as lacerações e cortes. Num caso como esse, tudo tem que ser levado em consideração. Tenho 40 anos de experiência, causei reviravoltas em diversos casos polêmicos porque gosto e aceito desafios. Não venho criticar meus colegas, pois aqui tem grandes nomes, mas às vezes esquecemos algo. A necropsia, por exemplo, não foi feita na cabeça, apenas no tórax. A morte foi por hemorragia, mas será que foi apenas pulmonar? Ou também craniana? Isso mudaria o tipo do objeto utilizado para matar", declarou à imprensa.

Foi então, a partir das declarações de Sanguinetti, prometendo uma verdadeira reviravolta no caso, que as acusações silenciaram. Procurado para falar sobre o caso, o juiz Rosivaldo Toscano limitou-se a dizer que o processo já está em fase de conclusão e afirmou que dará publicidade à sua decisão tão logo finalize o trabalho. "Eu prefiro não dar qualquer declaração porque o processo segue em segredo de justiça. Foi um caso de muito clamor público. Portanto, na hora que eu decidir se o acusado vai ou não a júri popular, eu mesmo convocarei a imprensa", concluiu.



MAGNUS NASCIMENTO/NU

Delegada Adriana Shirley: "Um crime dessa natureza merece uma resposta rápida à sociedade"

Para promotor, segredo de justiça foi medida correta

No dia 6 de novembro, com a justificativa de que precisava preservar a imagem e resguardar a segurança do acusado Osvaldo Pereira de Aguiar, o juiz Rosivaldo Toscano dos Santos Júnior, da 2ª Vara Criminal de Natal, decidiu decretar segredo de justiça no "Caso Maisla". "Quero evitar novas manifestações públicas, como as que ocorreram em frente ao Fórum", declarou, se referindo à última instrução processual que aconteceu no dia 20 de outubro, no Fórum Varella Barca, na zona Norte da cidade. Por pouco, Osvaldo não foi linchado no meio da rua.

Ao término da audiência, que durou mais de três horas, Osvaldo foi impedido por agentes penitenciários e policiais militares de falar ou dar qualquer declaração à imprensa. Às pressas, o acusado foi colocado no elevador do prédio e, ao chegar no primeiro piso do fórum, a primeira surpresa. A viatura da

Coordenadoria de Administração Penitenciária (COAPE) havia quebrado e a notícia que um segundo carro ainda estava a caminho da zona Norte deixou os policiais apreensivos. Resultado: por mais de dez minutos Osvaldo ficou trancado dentro de um banheiro.

Na saída da cela improvisada, outros absurdos. De coletes à prova de balas e algemado, o preso teve que atravessar a rua correndo, já que o carro não entrou no estacionamento do prédio. Chegando ao veículo, ele não conseguiu entrar de imediato. A porta, trancada, deixou Osvaldo exposto à fúria dos familiares e da população, que aguardava ansiosa sua saída. Com pedaços de pau e pedras na mão, alguns foram para cima do acusado. Ele não foi agredido fisicamente, mas, por muito pouco, escapou de ser linchado. Diante do ocorrido, e em virtude da atitude do juiz Rosivaldo Toscano em decretar

somente agora o 'segredo de justiça' - praticamente já na reta final e às vésperas de decidir se o ambulante vai ou não a júri popular -, a reportagem ouviu a opinião do promotor da 3ª Vara Criminal Henrique César Cavalcanti, que saiu em defesa do magistrado. Para ele, o juiz agiu corretamente. "É uma garantia que está na Constituição Federal. Não é uma invenção de juiz e muito menos para agradar a nenhum advogado. Em regra, o processo deve ser público. Agora, quando houver interesse de segurança, até para resguardar a intimidade ou a imagem das partes envolvidas, o juiz pode determinar o segredo de justiça, seja na área cível ou criminal", explicou, emendando: "E o sigilo não se pode ser tomado arbitrariamente. É preciso justificar e fundamentar os motivos que levaram a essa decisão. E isso o juiz Rosivaldo Toscano fez".

PARA ENTENDER

Segredo se justiça na área criminal:

preservar as investigações, segurança, integridade física ou moral das partes e sigilo de informações;

Segredo se justiça na área cível:

mais comum nas varas de Família e Infância e Juventude. Geralmente quando ocorre situação de risco para crianças.

ROTEIRO

roteiro@novojornal.jor.br

CINEMA



ATIVIDADE PARANORMAL

14 anos. Cinemark: 21h45 Moviecom: 21h45 - 23h45



PLANETA 51

Livre. Cinemark: 12h30 - 14h50 - 17h15 - 19h25. Moviecom: 15h25 - 17h20 - 19h15 - 21h10

A ERVA DO RATO - Diretor: 16 anos. Cinemark: 14h00

UM ROMANCE DE GERAÇÃO - 14 anos. Moviecom: 18h



LUA NOVA

12 anos. Cinemark: 12h00 - 14h40 - 17h40 - 20h40 (DUB), 13h00 - 13h30 - 15h40 - 16h10 - 18h40 - 19h10 - 21h40 - 22h10 (LEG). Moviecom: 13h30 - 16h00 - 18h30 - 21h00 (DUB), 14h00 - 16h30 - 19h00 - 21h30 (LEG)

CÓDIGO DE CONDUTA - 16 anos. Cinemark: 21h15 Moviecom: 19h40



OS FANTASMAS DE SCROOGE

10 anos. Cinemark: 12h15 - 14h30 Moviecom: 16h00

BESOURO - 14 anos. Cinemark: 16h25 - 18h50 Moviecom: 17h45

2012 - 12 anos. Cinemark: 15h00 - 16h45 - 18h25 - 20h00 - 21h55 Moviecom: 14h10 - 17h15 - 20h20 (DUB), 15h00 - 18h05 - 21h10 (LEG)

ESPETÁCULOS

EM CADA CANTO UM CONTO - Espetáculo com a atriz Nara Kelly e o músico Caio Padilha. São histórias que valorizam a força da lealdade e da honestidade, contadas através de expressão vocal e corporal. Parque das Dunas, 10h30. R\$1.

ENCANTADA - Uma adaptação de Rubens Barbosa e Charles Sales. O espetáculo de dança será apresentado do Teatro Alberto Maranhão, às 19h30. Ingressos a R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).

MÚSICA

SOM DA MATA - Roberto Taufic apresenta composições próprias e versões de músicas de Edu Lobo, Chico Buarque e Tom Jobim, entre outros. Parque das Dunas, 16h35. R\$1.

SAMBA NO SANCHO - Os Grupos Black Samba e Cor da Noite animam a casa a partir das 20h, no Sancho Music Bar. Entrada R\$10.

“EU tenho leucemia e preciso de uma medula”

Carlos Magno Araújo, do Novo Jornal

Aos 19 anos, o estudante Matheus Andrade Cabral é um caso raro: na saúde e na vida. Desde os onze anos ele convive com a leucemia, espécie de câncer no sangue. Ao longo do tratamento, penoso, ficou perto da cura duas vezes, mas a doença, resistente, voltou. Dificultou-lhe a rotina, mas não prejudicou de todo: mesmo em meio a internações e sessões de quimioterapia, conseguiu concluir o ensino médio e passar no primeiro vestibular, para Administração. Agora, nessa nova

etapa do tratamento, ele precisa de um transplante de medula e sofre a dificuldade de muitos pacientes com a mesma doença: a falta de doadores compatíveis. Em geral, doentes em situação assim costumam tratar do assunto de forma reservada ou mesmo isolar-se. Num depoimento que emociona, Matheus faz exatamente o contrário. Conta ao NOVO JORNAL como a doença chegou, na infância, atravessou sua adolescência e insiste em permanecer na fase adulta.

NO INÍCIO do ano de 2002, comecei a me sentir indisposto. Cansava logo nas atividades esportivas do colégio e estava dormindo mais do que o normal. Fui ao meu médico, doutor Henrique Leite, que passou remédios para a anemia. Porém, com o passar dos dias, os remédios não surtiram efeitos. Ao chegar a Páscoa daquele ano, notei o surgimento de uns gânglios inchados no meu pescoço e mostrei à minha mãe, que logo marcou outra consulta ao meu pediatra. Eu tinha, então, onze anos.

Lembro-me de ter ido para a consulta numa segunda-feira pela manhã, antes de ir à aula. Lá, ele indicou-me para ir a um onco-hematologista, especialista da área de câncer e doenças do sangue, doutora Edvis. Por volta do meio-dia, ao término da aula, minha mãe já havia conseguido uma consulta para minha nova médica. Chegando lá, a médica leu um bilhete que meu pediatra havia escrito para ela. A doutora me examinou e marcou um exame logo à tarde, no Hemonorte.

A tarde, fui ao laboratório e fiz o tal exame, um mielograma, que serve para a avaliação da medula óssea. Achei um tanto doloroso e logo depois fui para casa.

A noite o resultado do exame já havia saído. A médica já havia “lido” umas lâminas e minha mãe foi ao seu consultório novamente. Ao chegar em casa, ela me disse que eu teria de me internar no outro dia para fazer mais exames. Eu, sem nunca ter me internado, aceitei.

Na terça-feira fui para o hospital com minha mãe e minha tia. Fui internado, mas não fiz mais nenhum exame. Quando a médica passou para a visita, me falou: eu estava com leucemia. Perguntou se eu já havia ouvido falar, se eu sabia o que era. Porém, com 11 anos, eu sabia apenas o que tinha visto na novela “Laços de Família” e mesmo não havia entendido muito bem. Na mesma semana, coloquei um cateter e comecei as quimioterapias. Esse internamento durou 25 dias.

Nesse mesmo internamento, ganhei um peixe “beta”. Ele se chamava Beterraba e me acompanhou em todos os

meus internamentos. Meu pai e minhas tias faziam comidas que eu gostava e levavam para mim; jogava video game, ficava desenhando em cadernos de desenho, ouvindo música. No São João, meu pai levou bandeirinhas para colar pelo quarto. Eram barbanete e bandeirinhas no quarto todo; na Copa acordava de madrugada para assistir aos jogos, mas na final eu estava em casa e fomos todos assistir à vitória do Brasil na casa da minha tia.

O meu tipo de leucemia era a Leucemia Linfóide Aguda (LLA) e não tem indicações para o transplante de medula. Apenas a quimioterapia, geralmente, a destrói. Com a quimioterapia, vieram vários efeitos colaterais, como queda de cabelo, bastante enjoos, dores nas pernas, dores na mandíbula e pele bem ressecada. Durante uma sessão de quimioterapia cheguei até a sofrer convulsão. Devido também ao tratamento, tinha de ficar no isolamento, sem poder receber visitas, pois os leucócitos ficavam muito baixos. Recebi várias bolsas de sangue, e plaquetas também, devido a baixa nas plaquetas e no meu hematócrito com a quimioterapia.

Esse primeiro tratamento consistiu num período de quase

um ano de internamentos, devido aos atrasos, pois quando as defesas demoravam a subir eu não podia me internar para tomar mais quimioterapias. A esse primeiro tratamento seguiram-se mais dois anos de manutenção. Eu apenas ia à clínica tomar uma injeção de quimioterapia uma vez na semana e outra quimioterapia via oral todas às noi-

doutora Edvis informou que estaria à tarde em Natal e que me examinaria logo mais. À tarde fui ao Papi, onde ela estava de plantão. Examinou-me, olhou os exames de sangue e falou que provavelmente eu estava tendo uma recaída. Interessante que três dias antes um amigo perguntou-me qual a possibilidade de eu ter leucemia de novo, e como faltavam

tes. Nessa etapa, já podia fazer todas as minhas atividades normais e praticamente não sentia efeitos colaterais. Por fim, em setembro de 2004, encerrei o tratamento e senti enorme alívio por aquilo, já que estava pronto para viver uma vida completamente livre de injeções e remédios todos os dias.

Pouco mais de 2 anos após minha alta das medicações, em outubro de 2006, em pleno JERNS, acordei um dia sem disposição para nada e durante esse mesmo dia comecei a ter febre. Sem conseguir falar com minha médica, pois ela havia ido a Mossoró, minha mãe tentou me levar ao pronto-socorro, porém relutei até a manhã do dia seguinte.

Quando fui ao hospital, a médica de plantão pediu exames de sangue e viu que neles havia alterações. Falei que já tinha tido leucemia e estava fora de tratamento havia dois anos. Ela resolveu ligar para minha médica. Por telefone,

apenas 6 meses para eu completar o período de remissão total da doença nem considerava mais essa possibilidade. E respondi: “a mesma de uma pessoa qualquer, já estou curado”.

Fui internado na mesma hora, para tomar antibióticos para a infecção. No outro dia, fiz outro mielograma para confirmar se realmente estava com leucemia de novo. Por fim, passei 15 dias internado. Os resultados mostraram que eu havia tido uma recaída. Coloquei outro cateter, tive cinco dias para “encontrar amigos” e começar outro tratamento.

Uma coisa é você saber que passará por algo ruim, mas sem saber exatamente o que vai passar; outra, um pouco mais complicada, é você descobrir que vai passar por algo ruim sabendo exatamente o que vai sentir a cada passo e saber que ainda que o tratamento será mais forte que na primeira vez.

Eu estava no final do 2º ano do ensino médio. Tive de parar de ir ao colégio. Os professores e coordenadores passaram trabalhos. Terminei o ano sem problemas. O ano que estava por vir era o “Pré”, mas decidi fazer. Se fosse aprovado, ótimo; se não, repetiria o ano. Era melhor do que ficar sem ter o que fazer, já que teria de permanecer no isolamento por um bom período.

Recomecei o tratamento, que dessa vez consistia de 8 internamentos de uma semana. Eram, mais ou menos, um por mês. Depois, onze sessões de radioterapia, para depois entrar na manutenção, que dessa vez eram duas injeções a cada 15 dias e uma quimioterapia via oral.

Só fui às aulas, efetivamente, quando comecei a manutenção, por perto de agosto. Antes disso, ia a algumas semanas isoladas, mas em casa sempre dava uma estudada, principalmente nas matérias discursivas da minha área - História, Geografia e Matemática. Então veio o fim do ano, fim das atividades do colégio. Consegui passar por média e no final de novembro prestei Vestibular para Administração, na UFRN. Seguiu-se o ano com formatura, Natal, Ano Novo e, finalmente, o resultado do Ves-

tibular com minha aprovação na universidade. E eu continuava em tratamento, na manutenção que duraria dois anos.

O tempo foi passando e no início de 2009, perto da Semana Santa, numa reavaliação da minha medula, outro mielograma, minha médica constatou que eu estava sofrendo uma segunda recaída, que teria de recomeçar outro tratamento. Dessa vez, teria de ser indicado para o transplante de medula óssea. Novamente o mundo muda totalmente ao seu redor. Cada vez mais você passa a pensar sobre tudo de maneira adversa e a dar importância ao que você um dia pensou que nunca ia dar.

Recomecei outro tratamento. Dessa vez fiquei pouco mais de 40 dias no isolamento, com as defesas bem baixas, para então entrar na manutenção. A manutenção de agora, porém, é semanal e tomo quimioterapias de tipos variados. Esse tratamento se estenderá durante dois anos ou até que eu encontre um doador de medula compatível comigo ou tenha outra recaída.

PARA DOAR MEDULA ÓSSEA:

- » os interessados devem ter entre 18 e 55 anos e estar com boa saúde
- » os doadores preenchem um formulário com dados pessoais e é coletada uma amostra de sangue com 5ml para testes. Estes testes determinam as características genéticas que são necessárias para a compatibilidade entre o doador e o paciente. Os dados pessoais e os resultados dos testes são armazenados em um sistema informatizado que realiza o cruzamento com dados dos pacientes que estão necessitando de um transplante. Em caso de compatibilidade com o paciente, o doador é então chamado para exames complementares e para realizar a doação.
- » fora do círculo familiar, o índice de compatibilidade é de 1 para 100 mil. Por isso é preciso ampliar os Registros de Doadores Voluntários.
- » a coleta e o cadastro podem ser feitos em qualquer Hemocentro. O de Natal fica na Avenida Alexandrino de Alencar, 1800, no Tirol. Há ainda um posto fixo na Zona Norte, na Casa da Cidadania, localizada na Avenida Paulistana, 132. O Hemonorte conta ainda com um ônibus na Cidade Alta. Esse posto móvel, na última quarta-feira do mês, fica disponível na cidade de Pamamirim.

QUANDO É NECESSÁRIO O TRANSPLANTE

Em doenças do sangue como a Anemia Aplástica Grave e em alguns tipos de leucemias, como a Leucemia Mielóide Aguda, Leucemia Mielóide Crônica, Leucemia Linfóide Aguda. No Mieloma Múltiplo e Linfomas, o transplante também pode estar indicado.



SÉRIE A | Dos seis postulantes ao título, quatro equipes têm treinadores que, em campo, foram campeões nacionais e serviram a seleção brasileira

Craques da prancheta

FOLHAPRESS - CRAQUE vencedor no campo e no banco. Até hoje, essa era uma combinação rara na história do Brasileiro. Apenas três homens foram campeões como jogador e treinador: Paulo César Carpegiani, Leão e Joel Santana. Muricy Ramalho, machucado, não participou de nenhuma partida do título são-paulino de 1977. Mas a temporada 2009 promete aumentar essa conta.

Dos seis times que ainda lutam pelo título, quatro têm como treinador ex-jogadores de primeira - o são-paulino Ricardo Gomes, o flamenguista Andrade, o colorado Mário Sérgio e o cruzeirense Adilson Batista.

Todos foram campeões nacionais e serviram a seleção brasileira. O Avaí, sétimo e com chances, ainda que remotas, de vaga na Libertadores, aumenta a lista com Silas, campeão pelo São Paulo em 1986 e camisa 10 da seleção na Copa de 1990.

Na prancheta, eles resgatam o protagonismo que tiveram nos tempos de atleta.

Ricardo Gomes era o grande nome da defesa do Fluminense de 1984, quando clube ganhou seu único Nacional com a fantástica média de 0,5 gol sofrido por jogo.

"Já faz muito tempo. Mas, assim como naquela época, estou na expectativa, mas sem ansiedade", diz o agora treinador são-paulino sobre a chance de repetir o título 25 anos depois.

Durante muito tempo, Andrade foi o jogador (era volante) mais vezes campeão brasileiro. Ele já conquistou o campeonato três vezes pelo Flamengo e outra pelo Vasco.

Agora, com o time da Gávea, tem a chance do pentacampeonato pessoal com o mesmo estilo zen da época de jogador. Segundo número da revista Placar, ele nunca foi expulso em partidas do Nacional.

Mário Sérgio era um dos mestres do Inter de 1979, o único campeão brasileiro invicto de todos os tempos.

Novamente no clube gaúcho, tem a chance de ganhar seu primeiro título importante como treinador. Em 30 anos, seu jeito polêmico não mudou.

Nesta semana, ele atacou a fórmula de pontos corridos com um argumento inusitado.

"A mala branca só pode existir em campeonato de pontos corridos, pois no mata-mata seria impossível. Por isso não sei se é o mais honesto", afirmou.

Mais jovem treinador entre os melhores do Brasileiro, Adilson Batista, 41, repete no Cruzeiro o sucesso da época de zagueiro do Grêmio. Ele foi o capitão do time gaúcho na conquista do título de 1996.

O técnico acaba de renovar seu contrato, e vai para a terceira temporada no comando da equipe de Belo Horizonte.

Campeões brasileiros como jogador que treinam times em 2009



Quem	Ricardo Gomes	Andrade	Mário Sérgio	Adilson Batista	Silas
Idade	45	52	59	41	44
Time atual	São Paulo	Flamengo	Inter	Cruzeiro	Avaí
Colocação atual	1º	2º	3º	6º	7º
Posição como jogador	zagueiro	volante	meia	zagueiro	meia
Jogos pelas seleção	50	12	8	5	37
Títulos brasileiros	1984 (Fluminense)	1980, 1982, 1983 (Flamengo) e 1989 (Vasco)	1979 (Inter)	1996 (Grêmio)	1986 (São Paulo)

Times exibem 'DNA' de seus comandantes

Futebol não se ensina. Mas, nas estatísticas de seus times nos Brasileiros-09, é possível notar o "DNA" dos bons tempos de jogador dos agora treinadores da elite.

Como no Fluminense de 1984, o São Paulo de Ricardo Gomes tem na defesa seu ponto forte. Além de ser o menos vazado (38 gols), o clube do Morumbi é, segundo o Datafolha, o líder nos desarmes, com média de 122,4 por partida.

No Flamengo três vezes campeão nacional no início dos anos 80, Andrade era um volante com muita classe, que pouca apelava às faltas e tinha ótimo passe. Em 2009, o clube é o quinto time menos violento do Nacional e dono do quinto melhor passe. Ele também acabou com a enxurrada de volantes que o time usou com a maioria de seus últimos treinadores, como Joel Santana, Caio Júnior e Cuca.

O passe, aliás, era a grande marca de Mário Sérgio como meia - ganhou o apelido de "Vesgo", por sua habilidade de olhar para um lado e passar a bola para o outro. O Inter de 2009 é o time

que mais troca passes do campeonato (média de 306 por partida), com um aproveitamento acima da média geral do campeonato nesse fundamento. Tudo isso apesar de Mário Sérgio pregar como treinador futebol menos técnico do que praticava.

Vice-campeão da Libertadores com o Cruzeiro em 2009, o ex-zagueiro Adilson Batista vê seu time sofrer com um problema que também o afetou nos tempos de jogador. O clube mineiro já teve 15 atletas expulsos.

Quando jogava, Adilson foi expulso em jogos do Nacional quatro vezes. Também acumulou amarelos, que o tiraram de confrontos importantes, como a decisão de 1996 contra a Portuguesa.

O Avaí de Silas mostra disposição para defender e atacar, como fazia seu treinador quando era meia do São Paulo. Ele é um dos símbolos da geração que ficou conhecida como "Menudos do Morumbi" (o outro grande expoente da turma era Muller). Segundo o Datafolha, o time de Santa Catarina é o quarto melhor nos desarmes e o terceiro que mais finaliza no Brasileiro.

JOGOS DA RODADA

- Corinthians x Flamengo
Campinas, 17h
- Palmeiras x Atlético-MG
São Paulo, 17h
- Santo André x Náutico
Santo André, 17h
- Atlético-PR x Botafogo
Curitiba, 17h
- Grêmio x Grêmio Barueri
Porto Alegre, 17h
- Fluminense x Vitória
Rio de Janeiro, 17h
- Goias x São Paulo
Goiânia, 17h
- Sport x Internacional
Recife, 17h
- Cruzeiro x Coritiba
Belo Horizonte, 17h
- Avaí x Santos
Florianópolis, 17h



CELSON PUPPO/FOTO ARENA

Principal candidato a receber a final da Copa, estádio tem perdido todos os prazos estabelecidos pela Fifa

COPA 2014

Maracanã ainda carece de projeto de reforma

Folhapress - Único postulante a receber a final da Copa-2014, o Maracanã ainda não tem um projeto básico de reforma para o torneio. O comitê do Rio foi o único, entre as 12 sedes do Mundial, a não entregar para a Fifa e para o COL (Comitê Organizador Local) a proposta do estádio.

Em janeiro deste ano, a capital fluminense havia mostrado um projeto conceitual feito pelo escritório de arquitetura Castro Mello. Esse documento, na verdade um estudo preliminar das obras, foi reprovado.

Os organizadores da Copa no Brasil estipularam outros dois prazos para a entrega e melhora das propostas das sedes.

No primeiro, em julho, nenhuma proposta do Rio foi enviada. No segundo, em setembro, de novo a cidade passou em

branco. A Fifa já respondeu, em um relatório, e fez observações às outras 11 cidades.

A Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do Rio alega que o projeto definitivo sairia da PPP (Parceria Público-Privada).

Mas como o governo estadual desistiu da PPP alegando falta de um fundo garantidor para socorrer, se necessário, o consórcio privado, a Emop (Empresa de Obras Públicas) prepara um novo projeto executivo, com financiamento do BNDES, para ser licitado até início do ano que vem.

O governo do Rio, que previa desembolso público zero, agora terá de arcar com os R\$ 430 milhões previstos para a reforma.

O Comitê Organizador Local afirma que, até o momento, todas as sedes estão dentro do cronograma e que as cobranças, de

fato, serão feitas a partir de março, quando as obras dos estádios devem começar.

Apesar do discurso oficial, há descontentamento no COL. "O Maracanã é um caso excepcional em que o projeto arquitetônico não tem grande impacto, já que o estádio é tombado. Trata-se de uma reforma para correção de alguns poucos problemas operacionais e adequação ao caderno de encargos da Fifa, com mudanças mais visíveis no seu entorno imediato e no interior do estádio", afirma, em nota, a Secretaria de Esporte.

Segundo a reportagem apurou, não é o que pensam o comitê organizador e a Fifa. As entidades entendem que são necessárias reformas estruturais, e não apenas o que consideram uma maquiagem no Maracanã.

SIMTV A TV DO CARNATAL APRESENTA:

EM CIMA DO TRIO

AO VIVO

VOCE NO MELHOR LUGAR DA AVENIDA!

DE SEGUNDA A SEXTA AS 18H NA SIMTV

FIQUE LIGADO

PATROCÍNIO: vivo, SOL, Nordeste, TaedsonCell, VESTFACEX, ORAL, FPA, telepesquisa.com, Coca-Cola, riachuelo, NATAL.

APOIO: Depyl, Nett Buffet, REVISTARIA CULTURAL, CASTELO CASADO, LIVRARIA CASARÉ, Natatel, A GERADORA.

| JUSTIÇA | Ação milionária questiona fim do regional e pode ressuscitá-lo

A volta do Nordesteão

Bruno Araújo,
do Novo Jornal

OS CLUBES DA região Nordeste, enfim, começam a ver uma luz no final do túnel estreito de suas finanças. O motivo? Uma disputa judicial entre clubes da extinta Liga do Nordeste – formada por 16 equipes da região – e a Con-

federação Brasileira de Futebol pode resultar no retorno da Copa do Nordeste ao calendário da entidade. A informação foi dada pelo dirigente do América, Eduardo Rocha, e confirmada pelo advogado Pedro Paulo Magalhães, à frente da ação.

Segundo o cartola americano, o processo é datado de 2003, último ano em que foi realiza-

da a competição. Ao final daquele ano, a CBF anunciou que não haveria datas disponíveis no calendário da entidade e extinguiu o torneio regional. De acordo com Eduardo Rocha, a ação previa o pagamento de um valor próximo a R\$ 50 milhões com o objetivo de compensar as perdas dos clubes pelos anos em que a competição não foi realizada.



Copa Nordeste fortalecia futebol da região

Clubes se mostram favoráveis

O retorno da Copa do Nordeste entre os presidentes de clubes da região é unânime. Para o presidente do ABC, Judas Tadeu, a competição não deveria nem mesmo ter sido encerrado, pois era um “verdadeiro sucesso de público e renda”. O dirigente lembra que a competição não era apenas viável financeiramente, mas ainda tornava o futebol do Nordeste mais forte. “A rivalidade dos jogos proporcio-

nados pela competição mostrava o nível do futebol nordestino e ainda gerava receita”, destaca.

O presidente do Ceará, Evandro Leitão, concorda com o cartola abecedista e acredita ser possível a volta da disputa, que vale não apenas pelos jogos de alto nível, mas por atrair o torcedor para o estádio. No entanto, ele ressalta que, antes de tudo, precisa que seja definido um formato viável. “Temos interesse em par-

ticipar, mas vamos aguardar a definição disso, para podermos nos posicionar”, declara.

Também interessado no retorno da Copa, o presidente do Bahia, Marcelo Guimarães Filho, destaca a importância da competição, mas critica a forma como o processo para retorno está sendo promovido. “Acredito que podemos adotar o diálogo com a CBF, Rede Globo e as federações estaduais”, pondera.



Partidas eram garantia de casa cheia para maioria dos participantes

Torneio tem tradição

A primeira edição do campeonato ocorreu com o nome de “Nordestão”, em 1968, com o Sport/PE sendo o primeiro campeão. Sete anos depois, a Copa contou com equipes dos estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia e recebeu o nome de Torneio José Américo de Almeida Filho (homenagem ao governador paraibano). Em 1976, contou com a participação de mais estados da região. O fato curioso desta edição foi a inusitada participação do Volta Redonda, clube carioca.

Em 1994, foi realizada uma nova edição, desta vez promovida pela Federação Alagoana de Futebol, com a disputa passando ao formato de copa. Os jogos aconteceram no estado de Alagoas, com a final disputada na capital, Maceió, no Estádio Rei Pelé. O torneio foi oficializado

pela CBF, agradeceu e serviu como ponto de partida para a segunda edição.

Três anos depois, voltou a ser disputada e seguiu até 2003. Antes selecionadas pelas participações nos respectivos estaduais, a partir de 2001, as equipes passaram a ser escolhidas por meio de seletivas. A Copa do Nordeste foi um dos mais importantes torneios regionais do Brasil, mas parou de ser disputado em 2003, por falta de datas no calendário anual da CBF.

“Acredito que podemos adotar o diálogo com a CBF, Globo e federações”

Marcelo Guimarães Filho
Presidente do Bahia

CAMPEÕES

1968
CAMPEÃO: SPORT/PE
VICE: CSA/AL

1969
CAMPEÃO: CEARÁ
VICE: GALÍCIA/BA

1970
CAMPEÃO: SPORT/PE
VICE: FORTALEZA/CE

1971
CAMPEÃO: ITABAIANA/BA
VICE: FERROVIÁRIO/CE

1975
CAMPEÃO: CRB/AL
VICE: BOTAFOGO/PB

1976
CAMPEÃO: VITÓRIA/BA
VICE: AMÉRICA/RN

1994
CAMPEÃO: SPORT/PE
VICE: CRB/AL

1997
CAMPEÃO: VITÓRIA (BA)
VICE: BAHIA (BA)

1998
CAMPEÃO: AMÉRICA/RN
VICE: VITÓRIA/BA

1999
CAMPEÃO: VITÓRIA/BA
VICE: BAHIA

2000
CAMPEÃO: SPORT/PE
VICE: VITÓRIA/BA

2001
CAMPEÃO: BAHIA
VICE: SPORT/PE

2002
CAMPEÃO: BAHIA
VICE: VITÓRIA/BA

2003
CAMPEÃO: VITÓRIA/BA
VICE: FLUMINENSE/BA



Tudo fica melhor quando sua empresa cuida bem de você.

Unimed Empresarial. Você sente a diferença.

Quando uma empresa oferece Unimed aos seus colaboradores recebe de volta mais motivação, mais dedicação e mais comprometimento. Entre em contato com a gente. Está na hora de fazer diferente.



Ligue e agende uma visita:
3220.6200 | www.unimednatal.com.br

| DESCASO | Natal tem monumentos mal cuidados e de mau gosto

A glorificação do tosco e do ridículo

Alexis Peixoto, do Novo Jornal
Fotos: Magnus Nascimento

ELES ESTÃO POR toda a parte. Qualquer um que se disponha a uma caminhada sem compromisso pelas ruas de Natal fatalmente topará com os monumentos que adornam a fachada de órgãos governamentais, praças ou passeios públicos. São estátuas, efígies, bustos e esculturas destinadas a preservar a memória de figuras ilustres ou lembrar datas importantes da história potiguar. Mas algumas escolhas artísticas equivocadas e a falta de preservação dos monumentos públicos muitas vezes acabam distorcendo a intenção real das obras.

Para o artista plástico Vicente Vitoriano, o cenário dos monumentos urbanos de Natal não é dos melhores, do ponto de vista artístico. Vitoriano avalia a qualidade das esculturas espalhadas pela cidade como "tosca". "De uma forma geral, não temos bons escultores, principalmente no que tange a figura humana", diz Vitoriano, apontando como exemplos a estátua de Iemanjá na Praia do Forte e a escultura "O Beijo", no Bosque dos Namorados, ambas de autoria do escultor assuense Etevaldo Santiago. "Não são esculturas de você olhar e querer quebrar, mas também não são trabalhos excepcionais".

A parte das críticas, Vitoriano aponta alguns bons exemplos de arte estatutuária em Natal. O artista classifica a estátua em homenagem à Câmara Cascudo, fixada em frente ao memorial dedicado ao escritor, como uma obra de arte "interessante". O casal de estudantes que adorna o pátio de entrada do Colégio Estadual Winston Churchill também são elogiados por Vitoriano. "É um trabalho bellissimo, apesar de não ser original. Representa bem a estética do período neoclássico, de fins do século XIX", analisa.

Os estudantes do Churchill também são benquistos no conceito do memorialista Sandro Fortunato, editor do site Memória Viva. Junto ao fotógrafo Canindé Soares, ele está preparando um levantamento da estatutuária da cidade de Natal. Além dos estudantes do Churchill, Fortunato aponta a estátua de Augusto Severo, na praça de mesmo nome, na Ribeira, como um bom exemplo de arte estatutuária em Natal.

O memorialista explica que tanto os estudantes quanto a estátua de Augusto Severo são reflexos da fixação cultural do Brasil pela Europa, que marcou os primeiros anos do século XX. "Natal, assim como o resto do Brasil, acompanhava de perto as tendências européias. E como a cidade não dispunha de uma fundição para produzir as estátuas, a solução era produzir na Europa".

Em relação aos monumentos mais recentes, o professor do departamento de Artes Visuais da UFRN, Luciano Barbosa, identifica uma tendência mais turística e menos artística. O professor aponta obras como o Arco do Sol na Avenida Engenheiro Roberto Freire e o Pórtico dos Reis Magos na BR-101 como exemplos da arte voltada para o conceito de "city marketing", termo da arquitetura que define obras e ações urbanísticas justificadas com fins econômicos, de promoção da cidade. "Nesse caso, não se trata de uma questão artística, mas sim política e econômica", aponta Barbosa.

Comentando o Arco do Sol, inaugurado por ocasião dos 400 anos de fundação da cidade de Natal, ele cita a necessidade, há muito



"A culpa não é nem do artista, mas sim de quem teve a idéia infeliz dessa estátua".

Sandro Fortunato sobre a homenagem ao ex-governador José Augusto.

"Nesse caso, não se trata de uma questão artística, mas sim política e econômica".

Luciano Barbosa, professor

"Não são esculturas de você olhar e querer quebrar, mas também não são trabalhos excepcionais".

Vicente Vitoriano sobre esculturas.



Fortunato considera a estátua do ex-governador José Augusto, na Assembléia Legislativa, o mais feio monumento de Natal

tempo discutida pelos moradores de Ponta Negra, de construir uma passarela no local. "Mas aí não seria um monumento e sim uma obra de utilidade pública", observa.

Tamanho natural

Em Natal, é comum ver estátuas que reproduzem o homenageado em tamanho natural. Câmara Cascudo, Dom Nivaldo Monte, Dinarte Mariz e outros personagens ilustres da história do Rio Grande do Norte podem ser vistos em pontos variados da cidade envergando a mesma estatura que tinham em vida. Vicente Vitoriano diz desconhecer a origem do costume, mas classifica a tendência de "estranha". "Geralmente as estátuas são construídas em escala. A opção pelo tamanho natural tira todo o caráter monumental da obra", aponta.

Para Sandro Fortunato, a tendência é responsável por um dos monumentos "mais feios" da cidade: a estátua em tamanho natural de José Augusto, inaugurada recentemente em frente a Assembléia Legislativa. O memorialista identifica na estátua traços da arte sainteira, geralmente produzida em escala menor. "Quando você coloca esse tipo de arte numa escala maior, fica horrível. Fotografia estátuas em todos os lugares do Brasil e nunca vi nada parecido", afirma Fortunato, comparando a obra a um boneco de posto de gasolina.

Ainda segundo Fortunato, o toque final do mau gosto foi a pintura metálica de cor dourada, aplicada na estátua para esconder o aspecto de cimento. "A culpa não é nem do artista, mas sim de quem teve a idéia infeliz dessa estátua".

Outro monumento criticado por Fortunato são os Reis Magos próximo ao viaduto da BR-101. "Aquilo é feito de fibra de vidro, muito frágil. Se um carro bater ali, cai tudo", alerta.

Descaso visível

Na avaliação de Vicente Vitoriano, o descaso do poder público com o patrimônio estatutuário é reflexo da ignorância do público. "Os monumentos são invisíveis para a população, e o poder público aproveita que ninguém liga e não faz nada para preservá-los", aponta.

Sandro Fortunato é ainda mais incisivo. Ele afirma categoricamente que os monumentos mais antigos da cidade não contam com nenhum tipo de restauração. A ausência de técnicos especializados nesse tipo de trabalho muitas vezes leva à ações equivocadas, que mais prejudicam do que ajudam a conservar as obras. "Geralmente, eles passam uma mão nova de tinta na estátua, para ela ficar com aspecto de nova. Mas isso acaba deteriorando mais a obra".

A ignorância quanto à história e importância das esculturas da cidade também preocupa o memorialista. Muitas estão sem placas de identificação e mesmo os guias turísticos da cidade não dispõem de informações suficientes para esclarecer os turistas e mesmo a população da cidade. "Um exemplo dessa ignorância é a estátua de Pedro Velho, na Praça Cívica, que completou cem anos no último Sete de Setembro e ninguém falou nada", cita Fortunato.

O professor Luciano Barbosa também cita a mudança de costumes dos natalenses como um fator agravante nesse esquecimento. "As pessoas deixaram de frequentar o centro da cidade, onde a maioria das obras estão. Então, acabam perdendo completamente os referenciais", aponta.

**NA HORA DE UM
ACIDENTE NO TRÂNSITO,
TUDO PODE PASSAR
PELA SUA CABEÇA.
MENOS QUE VOCÊ ESTÁ
SOZINHO.**



Toda vítima de acidente de trânsito no Brasil tem direito ao seguro DPVAT: motoristas, passageiros e pedestres. Só no último ano, cerca de 1,5 bilhão de reais em indenizações foi pago a mais de 300 mil pessoas. Mas não é só isso que o DPVAT faz. Ele repassa 45% do que arrecada para custear o atendimento às vítimas de trânsito em toda a rede do SUS e 5% para campanhas de educação no trânsito do Denatran. Assim, o DPVAT beneficia milhões de brasileiros como você.

DPVAT. O único seguro que protege todos os brasileiros.

Use o seu seguro DPVAT sem intermediários:
0800 0221204 ou www.dpvatseguro.com.br



Monumentos deletam pobreza estética



Monumento à amizade do Rotary Club

Localizada no cruzamento das ruas Joaquim Fabrício com Cláudio Machado, em Petrópolis, a escultura foi encomendada ao artista plástico Dorian Gray Caldas pelo Rotary Clube, para comemorar os 25 anos da associação em Natal. De traços pós-modernistas, a escultura apresenta duas figuras feitas de ferro recortado sob um pedestal de granito.



Praça Padre João Maria

O busto do Padre João Maria foi esculpido por Hostílio Dantas e inaugurado em agosto de 1919, por ocasião do 38º aniversário da posse do padre na paróquia de Natal. Segundo Sandro Fortunato, a produção do busto teria sido encomendada para substituir outra escultura do padre, feita de pedra e na época muito deteriorada, e localizada numa praça de mesmo nome, na praia de Areia Preta.



Praça André de Albuquerque

Point de roqueiros e skatistas no fim de semana, a Praça André de Albuquerque foi reinaugurada pela então prefeita Wilma de Faria em 1999, dentro das comemorações dos 400 anos da cidade de Natal. A ocasião foi lembrada com uma escultura de latão que lembra vagamente a forma de uma estrela, no lado da praça, próximo ao Tribunal de Justiça do Estado. Hoje, a escultura apresenta a pintura descascada, o que revela o aparecimento de ferrugem em vários pontos.



Estátua de Iemanjá

Esculpida pelo artista plástico assuense Etewaldo Santiago, a estátua de Iemanjá é um dos cartões postais da cidade de Natal. A religiosidade é um dos temas mais tratados na obra de Etewaldo, escultor premiado três vezes na Feira Nacional das Artes (FIART) e com trabalhos expostos no Museu do Vaticano e no Museu da Unesco, na França. Mesmo com todo o prestígio do autor, hoje Iemanjá recebe seus devotos com a cor do vestido desbotada e sem o polegar da mão direita.



Caju da Redinha

Obra do artista plástico Vatenor, o caju gigante não passa no crivo estético dos moradores da Redinha, mas é considerado por muitos como o "símbolo do bairro". E é justamente a população quem cuida da manutenção da obra. "Há uns seis anos, fizemos uma cotinha, compramos tintas e pagamos um pintor aqui da Redinha para rejatear o caju. Mas de lá para cá, já está precisando de outros reparos", diz o taxista Expedito Paulino, que faz ponto no local.



"O Beijo"

No final dos anos 70, a área onde hoje se encontra o Parque das Dunas era um local bastante procurado por jovens casais em busca de privacidade. Quando o Governo do Estado decidiu criar o Bosque dos Namorados, encomendou a Etewaldo Santiago uma estátua de tema amoroso para adornar o passeio. O artista eternizou uma cena cotidiana, o beijo apaixonado e terno entre dois amantes.



Memorial Câmara Cascudo

A estátua do mestre folclorista de pé, em cima de uma mão espalmada se tornou símbolo do Memorial Câmara Cascudo e frequentemente é citada como um dos principais monumentos da cidade de Natal. Inaugurada em 1987, a estátua representa Cascudo sustentado pelo povo potiguar. A mão estilizada que serve de base foi projetada pelo arquiteto Sami Elali e executada pelo artista plástico Dorian Gray Caldas.



Praça Augusto Severo

A estátua de bronze que homenageia o jornalista, político e aeronauta Augusto Severo foi encomendada ao artista francês Edmond Badoche por Alberto Maranhão e inaugurada em Natal no ano de 1913. Ignorada pela maioria dos transeuntes que passam pelo local, a estátua não conserva mais a placa de identificação original, o que não ajuda aos que desconhecem a história do personagem homenageado.



Monumento a Pedro Velho

O busto em homenagem a Pedro Velho, primeiro governador do Rio Grande do Norte, completou cem anos no último Sete de Setembro. Obra importada de Paris, executada pelo escultor francês Edmond Badoche, mostra uma figura feminina que representa a pátria norte-rio-grandense, se inclinando para ofertar um ramo de louros ao homenageado. O busto original, que contém a placa de identificação da obra, foi coberto por placas de mármore.



Arco do Sol

Foi Inaugurado dentro das comemorações dos 400 anos da cidade de Natal, em 1999. O monumento, feito em aço, foi executado pela construtora Ecocil a partir de um projeto do arquiteto Felipe Bezerra. A estrutura de dois arcos representa o sol e o mar, elementos comumente associados à cidade de Natal. Para o professor Luciano César, do departamento de Artes Visuais da UFRN, a obra prioriza mais o aspecto turístico do que artístico.



Estátua de José Augusto

Fixada em frente ao prédio da Assembléia Legislativa, de José Augusto foi originalmente esculpida em cimento, mas recebeu uma pintura dourada para simular um aspecto metálico. Em tamanho natural, a estátua emula traços da arte santeira, geralmente produzida em escala menor. "É uma homenagem às avessas", opina o memorialista Sandro Fortunato.



Estátua de Dinarte Mariz

Localizada no cruzamento das avenidas Roberto Freire com Luiz Maria Alves, em Ponta Negra, a estátua do ex-governador Dinarte Mariz passa praticamente despercebida por quem passa pela Via Costeira. Esculpida em bronze e em tamanho natural, a obra não conta com um pódio adequado para acomodar a estátua. "A impressão que eu tenho é que a estátua está pedindo carona", critica Sandro Fortunato.



Estudantes do Colégio Winston Churchill

Intitulada "Leitura e Escrita", o casal de estudantes que adorna o pátio de entrada do Colégio Winston Churchill foram projetadas pelo escultor francês Mathurin Moreau e executadas pela Fundories D'art du Val D'Osne. A obra, em estilo art nouveau, foi trazida da Europa em 1908, pelo governador Alberto Maranhão, com o objetivo de adornar o Grupo Escolar Augusto Severo, na Ribeira. Antes de serem afixadas no pátio do Churchill, no final da década de 1960, a obra percorreu outros lugares, como a Faculdade de Direito de Natal, a Praça Pedro Velho e a Lagoa Manoel Felipe.